

ENTREVISTA DE PRESTES SOBRE A SITUAÇÃO POLÍTICA E A UNIDADE DO PARTIDO COMUNISTA

LEIA NA 3ª PÁGINA

A ENTREVISTA DE PRESTES E A POSIÇÃO DOS COMUNISTAS

A ENTREVISTA de Lutz Carlos Prestes, que hoje publicamos, apresenta pontos-de-vista novos e de grande interesse sobre a posição dos comunistas em face da atual situação brasileira. Dentro da difícil conjuntura política que o país atravessa, é uma contribuição significativa para a busca de soluções favoráveis aos interesses do povo.

DEPOIS de analisar a contradição existente entre os anseios populares e a política entreguista e antidemocrática que vem executando, embora de maneira vacilante, o governo do sr. Kubitschek, o secretário geral do P.C.B. conclui que é possível modificar-se a política interna e externa do país num sentido democrático e progressista. Prestes não se limita a constatar essa possibilidade, mas indica o caminho pelo qual será possível levar à derrota a política atual do governo e impor a mudança de rumo que o povo exige. Este caminho é a união dos patriotas e democratas, desde a classe operária até as mais amplas forças patrióticas, entre elas o setor nacionalista do governo, cujo representante mais autorizado é, no momento, o general Teixeira Lott. Na luta em defesa da soberania nacional, pela garantia das liberdades democráticas a todos os cidadãos, pela paz e amizade com todos os países, contra a carestia e pelas aspirações dos trabalhadores, a ação unida das amplas massas e do setor nacionalista que atua no governo pode conduzir à derrota da política do imperialismo ianque e de seus agentes e abrir um novo curso na política nacional.

É certamente quem pense em solucionar as atuais contradições em que se debate o governo com golpes de Estado ou ditaduras salvadoras. Reveste-se, assim, da maior oportunidade a advertência feita por Prestes contra uma solução que implique em rasgar a Constituição e mergulhar o país na aventura das juntas militares. Ao povo não interessa de modo algum a supressão das franquias constitucionais, mas, ao contrário, a manutenção e ampliação dessas franquias, que podem e devem ser utilizadas na organização de poderosos movimentos de massas capazes de derrotar a orientação entreguista governamental.

A REALIDADE indica que nas atuais condições é de fato possível impor uma mudança na política do país. Basta atentar nas dificuldades crescentes que encontram os setores reacionários e entreguistas do governo para aplicar seus planos, em face da resistência oposta pelas forças patrióticas de fora e de dentro do aparelho estatal. Se é verdade que consumou a entrega de Fernando de Noronha, o governo não pôde até agora ceder o petróleo aos trustes. Cresce dia a dia o poderio das forças nacionalistas que, no parlamento, na imprensa, nas escolas, nas fábricas e nas ruas, clamam por uma nova política por uma política patriótica e democrática.

UM FATOR que contribuirá de modo decisivo para a vitória dessa nova política é precisamente o movimento nacionalista, ao qual Prestes dedica parte de suas declarações. Caracterizando o movimento nacionalista como uma frente única que constitui o «início da cristalização dos anseios patrióticos, democráticos e progressistas de amplos setores da população, incluindo desde operários, camponeses e intelectuais até industriais, comerciantes e fazendeiros», afirma Prestes que os comunistas deverão participar com entusiasmo e tudo farão para impulsioná-lo e transformá-lo em verdadeiro movimento de massas. Os comunistas não renunciam a sua bandeira revolucionária nem ocultam as divergências que os separam da burguesia. Mas, dentro do movimento nacionalista, buscarão reforçar a unidade em torno da plataforma comum, aproximar as tendências divergentes e pôr de lado tudo que possa separar e, portanto, enfraquecer a frente única. «No momento — conclui Prestes — o essencial é que nos unamos contra o inimigo comum, o imperialismo norte-americano e seus agentes brasileiros». Para molificar a política do país numa direção favorável aos interesses do povo é indispensável, portanto, concentrar o ataque no inimigo principal e procurar ganhar para o campo das forças nacionalistas todos os que estiverem dispostos a empreender tal luta.

SOMENTE um Partido Comunista forte e unido, firme do ponto-de-vista ideológico e flexível em sua atuação tática, será capaz de conduzir as massas a grandes movimentos que alterem decisivamente o sentido da política nacional. São de grande importância, portanto, as questões da unidade do Partido e da luta pela correção dos seus erros e defeitos, às quais se refere Prestes na última parte de sua entrevista. Depois de desmascarar Agildo Barata e seu grupo divisionista, que renegaram o Partido da classe operária e se afundaram no charco da atividade antipartidária, Prestes estabelece uma clara distinção entre eles e os militantes honestos, que foram iludidos e envolvidos em suas manobras mas que saberão encontrar novamente o caminho do Partido. Finalmente, acentua a necessidade da luta nas fileiras do Partido pela abolição do sectarismo e do dogmatismo, pela correção dos maus métodos de direção, contra o arbítrio e o mandonismo dos dirigentes, contra qualquer discriminação por motivo de divergências de opinião, pelo desenvolvimento da democracia interna e pela prática efetiva da direção coletiva.

A LUTA em duas frentes, contra o revisionismo e o oportunismo, contra o dogmatismo e sectarismo, é realmente o caminho que assegurará ao Partido a fidelidade aos princípios marxistas-leninistas e o florescimento de sua capacidade criadora, a firmeza revolucionária e a ligação viva com as massas, colocando-o à altura de sua missão de vanguarda.

VOZ OPERÁRIA

Nº 425 ☆ Rio de Janeiro, 27 de Julho de 1957 ☆



Instala-se Amanhã, em Moscou, o FESTIVAL DA JUVENTUDE (Reportagem na 12ª Página)



Os Metalúrgicos do Distrito Federal, Concentrados em Frente à Sede do Sindicato, Aguardavam as Notícias e palavras de ordem (Reportagem na Página Central)

PARA ONDE VAI ISRAEL ?

ARTIGO DE S. MIKUNIS, SECRETARIO GERAL DO PARTIDO COMUNISTA DE ISRAEL (na 4ª página)

RENOVAR O PARTIDO E DERROTAR O ANTIPARTIDO

Artigo de DIOGENES ARRUDA (na 5ª página)

FORTALECIDA A AMIZADE ENTRE A UNIÃO SOVIÉTICA E A TCHECOSLOVAQUIA

Resultados da visita da delegação soviética encabeçada por Bulganin e Kruchiov — Unidade de pontos-de-vista entre o P.C.U.S. e o P. C. da Tchecoslováquia

O entusiasmo com que foi acolhida na Tchecoslováquia a delegação oficial soviética que acaba de visitar o país constitui prova eloquente da unidade e da amizade que une os dois povos. Em grandes comícios nas principais cidades do país, e no decurso de importantes reuniões com os operários das grandes fábricas tchecas, os dirigentes soviéticos tiveram a oportunidade de debater, em íntimo contacto com as massas, os problemas do estreitamento das relações e da cooperação entre as duas nações e do reforçamento do movimento comunista internacional.

A delegação soviética compreendia o primeiro ministro Bulganin, o primeiro secretário do P. C., da União Soviética, Kruchiov, o secretário do Comité Central do P. C. da Ucrânia, Ivashenko, o presidente do Conselho Central dos Sindicatos Soviéticos, Grishin, o primeiro vice-ministro do exterior da U. R. S. S., Patolishev. Os visitantes foram recebidos e acompanhados em sua excursão através dos principais centros industriais do país pelo primeiro ministro tcheco Stronki pelo primeiro secretário do C. C. do P. C. da Tchecoslováquia Novotni, e por outros membros do governo e da direcção do partido.

De volta a Moscou, Nikita Kruchiov referiu-se detalhadamente, em um discurso pronunciado no Palácio de Esportes do Estádio Central Lenin, ao elevado prestígio do Partido Comunista da Tchecoslováquia, e à estima de que goza entre o povo do país. «O Partido Comunista da Tchecoslováquia fez-se credor desse respeito porque foi sempre um partido de acção revolucionária, um partido marxista-leninista». «Durante as conversações», disse ainda Kruchiov, «confirmou-se mais

uma vez que a unidade leninista dos partidos comunistas e operários, a unidade monolítica de suas fileiras e a coesão dos seus órgãos dirigentes, baseados nos princípios marxistas-leninistas, são a fonte da força e da invencibilidade do partido». «Podemos dizer com grande satisfação que o P. Comunista da Tchecoslováquia luta inflexivelmente pela pureza da doutrina marxista-leninista». «Sempre manifestou e manifesta sua lealdade aos princípios do internacionalismo proletário e luta

audaz e resolutamente contra as manifestações de revisionismo, contra o sectarismo e o dogmatismo». «O Partido Comunista Tchecoslovaco», concluiu Kruchiov, «pode orgulhar-se legitimamente da grande contribuição que dá ao fortalecimento da unidade dos partidos comunistas e operários e de todo o movimento operário internacional».

O comunicado conjunto sobre a visita da delegação oficial soviética à República Tchecoslovaca declara que, através de negociações transcorridas em ambiente cordial e amistoso, de compreensão mútua plena e fraternal, foram examinadas as questões da ampliação e do aprofundamento das relações entre a U. R. S. S., e a Tchecoslováquia, em todos os seus aspectos. «A U. R. S. S., e a Tchecoslováquia consideram que a tarefa fundamental de todas as forças pacíficas é lutar pela paz, pela proibição absoluta de arma nuclear e pela cessação imediata de todas as explosões experimentais». Ao trocar impressões sobre a questão alemã, as duas partes constatam que a política dos círculos governamentais da República Federal Alemã não favorece a eliminação

do perigo de guerra na Europa. «O militarismo germano-ocidental, com a conivência dos Estados Unidos, Grã Bretanha e França, desenvolve uma propaganda chovinista, com desígnios agressivos e prepara a fascitização completa do país». «Isso obriga os povos amantes da paz a reforçarem a sua vigilância, constantemente, e a intensificar sua disposição de responder a qualquer maquinação dos militaristas da Alemanha Ocidental». «A União Soviética e a Tchecoslováquia confirmam uma vez mais sua fidelidade ao Tratado de Varsóvia e aos compromissos assumidos por seus participantes, no interesse da manutenção da paz e da segurança».

As conversações confirmaram também a plena unidade dos pontos de vista do P. Co-

munista da U. R. S. S. e do Partido Comunista da Tchecoslováquia sobre todos os assuntos. «Os representantes do Partido Comunista da U. R. S. S. apreciaram favoravelmente e se mostraram completamente de acordo com as medidas do Comité Central do Partido Comunista da Tchecoslováquia no terreno político, ideológico e económico». «O Partido Comunista da Tchecoslováquia se solidarizou plenamente com as resoluções de junho do P. C. U. S.». «O desmascaramento do grupo antileninista», diz o comunicado, «servirá para fortalecer a unidade do P. C. U. S., e assegurará o feliz cumprimento da linha geral do partido, traçada pelo XX Congresso do P. C. U. S.»

«Ambas as delegações confirmam uma vez mais que a unidade leninista das fileiras

do partido, com base nos princípios marxistas-leninistas, é a fonte da força e da invencibilidade do Partido». «Ambos os partidos consideram que a luta intransigente pela unidade de suas fileiras, contra qualquer manifestação de fracção ou de grupo, é dever sagrado de todo comunista. Os representantes do P. C. U. S. e do P. C., da Tchecoslováquia destacaram a necessidade de continuar a luta contra o revisionismo, que significa a penetração da ideologia burguesa e inimiga nas fileiras do Partido».

«A visita da delegação oficial da U. R. S. S., e os resultados das conversações celebradas nesta ocasião confirmam que existem as melhores condições para continuar a fortalecer a fraternal amizade e a colaboração entre os dois países».

Discussão na ONU Do Caso da Argélia

Vinte e um dos países afro-asiáticos do grupo de Bandung requereram, a 18 de corrente, que a questão da Argélia fosse inscrita na ordem do dia da próxima sessão da Assembleia Geral da ONU. Os imperialistas franceses têm sempre oferecido tenaz resistência a que o assunto seja sequer debatido na ONU, baseados na tese de que se trata

Pedida por 21 países afro-asiáticos — Prossegue o massacre de argelinos pelos franceses

de problema interno da França. Apesar disso já a Assembleia Geral havia aprovado, em sessão anterior, uma moção exprimindo a esperança de que uma solução pacífica, justa e democrática fosse encontrada, de conformidade com os princípios da Carta das Nações Unidas. No entanto, segundo afirma o memorial dos 21 países afro-asiáticos, «continuam os sofrimentos e as perdas de vidas humanas que vão aumentando, na Argélia, e o curso dos acontecimentos, ali, não evolui na direcção de uma solução pacífica e justa, de conformidade com os princípios da Carta». «Se continuar a tendência actual, com o seu cortejo de violência e hostilidade, tal solução estará mais afastada do que nunca».

O memorial insiste também na necessidade de um inquérito internacional sobre as verdadeiras circunstâncias em que se deu, em maio último, o massacre da população masculina da aldeia de Melcuza-Kasbah, atribuído pelo governo francês a guerrilheiros árabes. A opinião pública mundial já por diversas vezes manifestou sua indignação pelas outras infligidas aos árabes pelas tropas imperialistas francesas, inclusive o extermínio em massa de aldeias inteiras, sob a acusação de «ajuda aos rebeldes». Ainda recentemente as agências telegráficas descreveram um «comando punitivo» realizado por pára-quedistas franceses nas ruas de Argel durante o qual foram mortos a rajadas de metralhadoras numerosos muçulmanos. O «suicídio» do

conhecido advogado Ali Boumendjel, membro do Conselho Mundial da Paz, foi mais um crime da polícia colonialista francesa e ainda estão bem vivas na memória de todos as repercussões da denúncia feita por um conhecido jornalista de Paris sobre as atrocidades cometidas contra os patriotas árabes, e da demissão, em sinal de protesto, de um general em missão na Argélia. São portanto bem fundadas as dúvidas levantadas sobre a versão oficial do massacre de Melcuza.

Ao mesmo tempo em que era feita essa demarcação na ONU, o dirigente sindical Fathi Kamel, Secretário-geral da Confederação Internacional dos Sindicatos Árabes declarou no Cairo que «a única maneira de resolver a questão da Argélia seria a França depor suas armas». Fathi Kamel, comentando uma resolução da organização internacional dos «Sindicatos Livres», classificou a tentativa de ludir o povo da Argélia para submetê-lo aos colonialistas franceses, e insistiu em que as negociações para uma solução justa só poderão realizar-se depois que as tropas coloniais foram evacuadas completamente o país. Apelo finalmente a todos os trabalhadores para que apoiem a luta do povo da Argélia por sua independência.

Existem na Argélia vários campos de concentração, onde estão presos milhares de patriotas árabes, entre os quais o arquitecto Bouchara Abderraman, muito conhecido no Brasil, onde esteve há alguns anos, como representante oficial do Conselho Mundial da Paz num congresso de paz realizado em São Paulo.

Crônica Internacional

As Eleições na Argentina

É MUITO DIFÍCIL de prever-se os resultados das eleições de domingo próximo, na Argentina, nas quais 9.600.000 de eleitores escolherão, entre cerca de dois mil candidatos, aqueles que deverão ocupar as 205 cadeiras da «Convenção de Reforma», nome dado oficialmente à assembleia constituinte, com poderes limitados, convocada pela Junta Militar. Multiplicam-se os partidos políticos, inclusive pela subdivisão dos partidos tradicionais, como é o caso da União Cívica Radical, cujas facções principais são a União Cívica Radical do Povo, ligada ao actual governo, e a União Cívica Radical Intransigente, que é o principal partido de oposição, liderado por Frondizi, candidato potencial à Presidência da República. Treze partidos políticos de âmbito nacional disputarão as eleições, ao lado de mais de uma dezena de partidos regionais, enquanto nada menos que quatro outros partidos de âmbito nacional se absterão, obedecendo à palavra de ordem lançada em Caracas pelo ex-ditador Peron.

Esse extraordinário fracionamento das agremiações políticas reflete a complexidade da situação política argentina e as profundas contradições existentes, inclusive no interior das classes dominantes. O fato que está centralizando as atenções, não só na Argentina mas mesmo internacionalmente, é no entanto a participação nessas eleições do Partido Comunista, já agora assegurada, em todo o país, pela decisão da instância superior do Poder Judiciário na provincia de Buenos Aires. Todos os cálculos e previsões dos «observadores internacionais» giram em torno da votação a ser obtida pelo partido de vanguarda da classe operária da nação irmã, e alguns chegam mesmo a fazer especulações em torno de um possível apoio «secreto» de Peron, numa tentativa evidente de diminuir antecipadamente a importância dos êxitos prováveis dos comunistas argentinos.

As eleições de domingo resultam de uma manobra «comunista» de Aramburu. O chefe da Junta Militar, ao assumir o poder, decretou a nulidade da Constituição Peronista de 1949, e declarou formalmente em vigor a velha Constituição de 1853. Para que essa declaração se transformasse em realidade era no entanto necessário convocar as eleições para Presidente da República e para o Parlamento. Com o fim de postergá-las, Aramburu, no mesmo dia em que fechava todas as organizações democráticas a pretexto de «golpe comunista iminente», decretou a convocação prévia de uma Constituinte sui-generis, com poderes limitados, à simples reforma de meia dúzia de artigos da Constituição de 1853. E' para esta Constituinte que se realizam as eleições de domingo.

A posição dos partidos políticos em relação ao pleito é variável. Vários partidos, como a União Cívica Radical, com o candidato à Presidência Arturo Frondizi à frente, partici-

pam das eleições unicamente com o objetivo de, se obtiverem maioria, declarar nulo o decreto de Aramburu e determinar a realização imediata das eleições gerais. Outros, de orientação peronista, ou pretendem utilizar a Constituinte para declarar em vigor a Constituição de 1949, ou aconselham seus eleitores a votar em branco, como protesto.

A posição do Partido Comunista é de que quaisquer eleições presididas pelo governo Aramburu serão necessariamente viciadas, e não poderão representar convenientemente as diferentes tendências da opinião pública. Toda a atuação do Partido Comunista tem sido no sentido da organização imediata de um amplo governo de coalizão democrática, que respeite as liberdades e defenda a soberania nacional, criando assim as condições necessárias à realização de eleições honestas, com a participação de todos os partidos, sem quaisquer discriminações. No entanto a «Convenção de Reforma», apesar de seus defeitos de origem, poderá ser utilizada para a conquista de certas reformas democráticas, inclusive para a modificação do sistema eleitoral, que, pela Constituição reacionária de 1853, impedia a representação dos partidos minoritários, pois não adotava o sistema proporcional. E' nesse sentido que o Partido Comunista Argentino participará das eleições de domingo.

Embora não disponhamos dos dados necessários para uma previsão mais fundamentada, não nos causaria surpresa um progresso apreciável, e talvez mesmo espectacular, do Partido Comunista da Argentina. Sobretudo a partir da queda de Peron, o Partido tem-se desenvolvido bastante. Isso se verifica não só pelo extraordinário aumento dos seus efetivos, que quintuplicaram, como, sobretudo, pela sua crescente influência entre as massas. Foi em grande parte graças à atuação do Partido Comunista da Argentina que se reforçou, nos últimos tempos, a unidade da classe operária, tornando possível o êxito da greve-monstro de 24 horas por meio da qual mais de 2 milhões de trabalhadores argentinos protestaram há poucos dias contra a política antipopular de Aramburu. A greve foi comandada pela Comissão Intersindical de Buenos Aires, organização criada pelos operários comunistas, peronistas e sem partido para substituir a Confederação Geral do Trabalho, que se encontra sob intervenção governamental. Ao lado disso é crescente o prestígio do Partido não só no proletariado, mas em todos os demais setores da sociedade argentina que lutam pela paz, pela independência nacional, e pelas liberdades, graças à sua política consequente contra a acção do imperialismo norte-americano e contra a política entreguista e as violências da ditadura militar. Um sucesso importante do Partido Comunista da Argentina nas eleições de domingo poderá ter consequências altamente positivas não só na evolução política da nação irmã como também em outros países da América Latina, inclusive no nosso.

INTERVENÇÃO IMPERIALISTA EM OMAN E MASCATE

Telegramas de Londres, do Cairo e Beirute revelam que tropas britânicas estacionadas em Kénia estão sendo enviadas às pressas aos sultanatos de Oman e de Mascate, para ajudar o sultão Saïd Ben Saimur a reprimir uma rebelião de várias tribus árabes que já teria dominado quase todo o território de Aman e as agências de notícias revelam ainda que o sultão conta «capelas com seu pequeno exército de 2.000 homens, que, desde o tratado de 1853, é comandado por oficiais britâ-

nos». Como se vê, a situação existente nessa região é análoga àquela que prevaleceu na Jordânia antes da expulsão do general Inglês Glubb Pacha. Algumas fontes autorizadas insinuam em Londres que as tropas rebeldes estariam equipadas com armamentos norte-americanos, fornecidos pelo rei da Arábia Saudita, mas o Iman de Oman, considerado o chefe da insurreição, fala de uma luta pela independência e pela liberdade, contra a dominação do imperialismo inglês.

Entrevista de Prestes Sobre a Situação Política e a Unidade do Partido

Um poderoso movimento de massas pode derrotar a política entreguista do governo e levar a uma política interna e externa patriótica e democrática — Os mais profundos anseios do povo começam a tomar forma no movimento nacionalista, frente única integrada por diferentes forças sociais — A tentativa divisionista do renegado Agildo Barata não abalará as fileiras do P.C.B

O Secretário-Geral do PCB, Luiz Carlos Prestes, concedeu à IMPRENSA POPULAR a importante entrevista, que abaixo publicamos:

PERGUNTA — Que pensa da atual situação política do Brasil e do governo do sr. Juscelino Kubitschek?

RESPOSTA — São numerosos os elementos positivos na atual situação política. Eles nos permitem prever novos e maiores êxitos na luta do povo brasileiro pela independência, pelas liberdades e pelo progresso. Citemos apenas a amplitude e a profundidade que ganha no país inteiro a luta em defesa dos interesses nacionais, particularmente em defesa da Petrobrás, e que não pode deixar de ser acompanhada da luta em defesa das liberdades democráticas e do nível de vida dos trabalhadores. Esta luta se manifesta principalmente através da organização do chamado movimento nacionalista que surge, independentemente e acima de divergências políticas e de quaisquer diferenças de classes, como fruto da iniciativa popular e sob as mais variadas formas, e avança inexoravelmente no sentido da unificação em escala nacional. São os mais profundos anseios do povo que começam, assim, a tomar forma. São os grandes ideais de independência econômica do Brasil, de liberdade e progresso que ganham as massas e tendem a transformar-se em força que nada nem ninguém poderá deter.

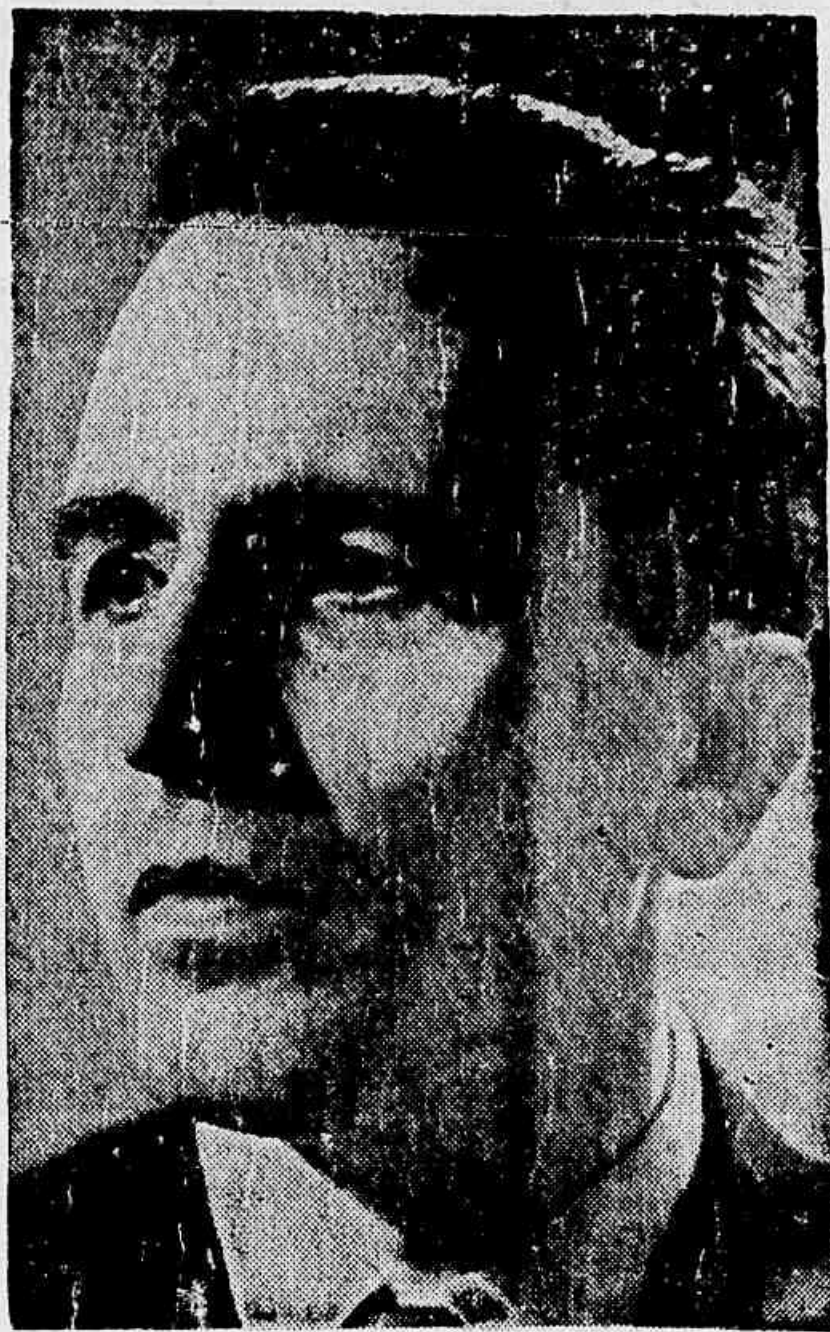
O que há de negativo, porém, na situação política está na contradição cada vez mais profunda entre esses anseios do povo, que traduzem os supremos interesses nacionais, e a política que vem sendo realizada pelos governantes em geral, mas particularmente pelo governo federal. O sr. Juscelino Kubitschek subiu ao poder com amplo apoio popular e dispunha, assim, de todas as condições para realizar um governo progressista que colocasse o Brasil no posto que lhe cabe no concerto das nações que lutam pela coexistência pacífica, pela democracia e pelo progresso. Preferiu, no entanto, tomar o caminho oposto, servir de instrumento aos setores mais reacionários e aos agentes do imperialismo norte-americano. Como não podia deixar de ser, essa política antinacional e antipopular levou-o, em menos de dezoito meses no poder, à difícil situação atual, de desprestígio e crescente impopularidade.

Com a cessão de Fernando de Noronha aos militaristas lanques, o governo do sr. Juscelino Kubitschek colocou-se abertamente a serviço da política guerreira e agressiva do governo dos Estados Unidos e, embora ainda vacile, declarando-se partidário da Petrobrás e recuando, como no caso de Capuava, ou cedendo, como vem em geral fazendo, diante da pressão organizada de cada setor social — dos operários que reclamam melhores salários, dos fazendeiros que exigem melhores preços para o café ou para o cacau —, na verdade enleia-se cada vez mais nas tramas do imperialismo norte-americano. Este, porém, faz exigências crescentes e, quando o governo não cede, pressiona ainda mais — não desiste de apossar-se das riquezas nacionais, a começar pelo petróleo, e desejaria evidentemente um «governo forte», capaz de esmagar o movimento operário e patriótico no país. De outro lado, a experiência comprova que nenhum governo pode, na atual situação do mundo e do país, ser insensível às exigências populares e que um poderoso movimento de massas pode derrotar a atual política do sr. Kubitschek, já que este não faz o que quer mas o que pode para servir aos imperialistas e a seus agentes brasileiros.

Isto explica a situação de incerteza, de instabilidade, de desconfiança generalizada, de descontentamento crescente, que atravessa o país e que não pode deixar de ser transitória. Como será ela, porém, superada?

Ao que parece, o sr. Juscelino Kubitschek e outros políticos estreitamente ligados aos círculos mais reacionários e aos monopólios lanques ainda supõem possível vencer as dificuldades do momento através de um acordo entre os dirigentes dos partidos políticos. Apelo para uma suposta «pacificação», desejam uma espécie de «união sagrada» contra o povo e os interesses da nação. É evidente, no entanto, que só os políticos mais reacionários e desligados do povo poderão concordar com isto. Não é por acaso que todas as tentativas até agora realizadas de semelhante «pacificação» tiveram como consequência mais imediata o aprofundamento das contradições que dividem os partidos políticos e se refletem no seio do próprio governo. Trata-se, pois, de uma solução praticamente inviável e que mesmo no caso de um êxito momentâneo só poderia precipitar a crise política no país. Não tem, na verdade, nenhum futuro qualquer governo que não se apoie no povo, que se conserve surdo aos reclamos dos trabalhadores e demais setores progressistas da população e que pretenda realizar uma política antinacional.

Nós, comunistas, pensamos que a solução é outra. Os interesses nacionais reclamam efetivamente o entendimento e a aproximação de todas as correntes e tendências políticas, mas em benefício do povo e em defesa dos supremos interesses da nação. Estamos convencidos de que a unidade dos patriotas e democratas, acima de quaisquer divergências políticas, incluindo representantes de todas as classes sociais — inclusive naturalmente a classe operária e seu partido político, o Partido Comunista do Brasil —, pode conseguir modificações importantes no sentido democrático e progressista da política interna e externa do país. O que o povo brasileiro reclama é uma política externa de paz e autodi-



LUIZ CARLOS PRESTES

mento com todos os povos, a denúncia do ajuste indecoroso que permite a transformação de Fernando de Noronha em base militar dos Estados Unidos, é a defesa intransigente da Petrobrás, são medidas efetivas de reforma agrária e contra a carestia da vida, é a proteção da indústria nacional, é a eliminação dos entraves no comércio com todos os países, a garantia, sem discriminações injustas e inconstitucionais, das liberdades democráticas.

Dirigimo-nos por isto a todos — líderes e partidos políticos — que queiram lutar por estas e outras reivindicações patrióticas, convidando-os a entendimentos que permitam coesionar em torno de uma plataforma comum os mais amplos setores da população. Estamos prontos a marchar com todos, acima de quaisquer divergências políticas, e a participar de ações comuns e daremos nosso inteiro apoio ao governo que se dispuser a realizar a plataforma comum.

No mundo inteiro são cada vez mais poderosas as forças que lutam pela paz e não há dúvida que é no sentido da preservação da paz e da diminuição da tensão que evolui neste momento a situação internacional. Os belicistas norte-americanos não desistiram, no entanto, de seus planos agressivos e continuam ameaçando a paz mundial. No momento, tudo fazem no sentido de conter e dificultar o movimento emancipador de numerosos povos em luta contra o colonialismo e tratam de reforçar suas posições — econômicas, políticas e militares — em todos os países da América Latina. Com este objetivo, estimulam os golpes de Estado e incitam a instauração de ditaduras militares através das quais pensam poder intensificar a exploração de nossos povos e a pilhagem das riquezas naturais de nossos países, assim como liquidar suas incipientes indústrias nacionais. Diante do desprestígio crescente do governo do sr. Juscelino Kubitschek, já se fala em sua possível renúncia ou — o que é pior — em golpes de Estado e em ditaduras salvadoras. É necessário evitar esse perigoso caminho. Sem precisar rasgar a Constituição ou ameaçar o país com uma ditadura militar, é possível conseguir modificações no sentido democrático e progressista da política externa e interna do país. A unidade e a luta da classe operária e demais forças patrióticas, entre elas, dentro do atual governo, o setor nacionalista, cujo representante mais autorizado é, no momento, o general Teixeira Lott, poderão realizar tais modificações.

De qualquer maneira, é indispensável que todos os democratas e patriotas se mantenham vigilantes. Só a força das massas poderá salvaguardar as liberdades democráticas e impedir a instauração de uma ditadura, só as massas na rua poderão defender vitoriosamente o petróleo brasileiro do assalto da Standard Oil e conseguir que abandonem o território pátrio os militaristas lanques.

PERGUNTA — Qual a posição do Partido Comunista do Brasil em face do movimento nacionalista em curso?

RESPOSTA — O que se denomina hoje de movimento nacionalista em nosso país constitui como que o início da cristalização dos anseios patrióticos, democráticos e progressistas de amplos setores da população, incluindo desde operários, camponeses e intelectuais até industriais, comerciantes e fazendeiros.

Esse movimento, que estava em gestação e já se manifestara sob diversas formas, agora, após a entrega de Fernando de Noronha aos militaristas lanques, ganha novo impulso e irradia-se pelo país inteiro, como resposta vigorosa do povo à política antinacional e antipopular do atual governo. Nós, comunistas, que sempre lutamos pela independência econômica do Brasil, pelas liberdades e pelo progresso social, vemos com satisfação que essas idéias ganham os mais vastos setores da população e que agora já é das próprias massas que vem a iniciativa, são as próprias massas que em cada caso tratam de encontrar as justas formas de organização para a luta.

Com diferentes origens e as mais diversas denominações, todos os movimentos nacionalistas que hoje surgem pelo país identificam-se por uma finalidade comum — todos refletem a mesma preocupação de defesa do petróleo brasileiro, dos minerais atômicos e demais riquezas nacionais, ameaçadas de pilhagem pelos monopólios norte-americanos; traduzem os anseios patrióticos e o desejo de paz e de relações amistosas com todos os povos da maioria esmagadora da nação; exprimem as aspirações democráticas e progressistas de amplos setores da população.

Os comunistas, que lutam pelos interesses dos trabalhadores e apóiam as reivindicações progressistas da burguesia nacional e demais setores da população, participam com entusiasmo do movimento nacionalista, seja qual for a forma em que se manifeste, e tudo farão para impulsioná-lo, para transformá-lo em verdadeiro movimento de massas, consequente e capaz de alcançar seus nobres e elevados objetivos. Dentro do movimento nacionalista, os comunistas procurarão cumprir o seu dever de patriotas e democratas, tudo fazendo para reforçar cada vez mais a unidade em torno da plataforma comum, para aproximar as tendências divergentes e para pôr de lado tudo que possa separar e, portanto, enfraquecer a frente única contra os monopólios norte-americanos e seus agentes brasileiros.

O movimento nacionalista é evidentemente um movimento de frente única do qual participam em torno de bandeiras patrióticas, democráticas e progressistas pessoas das mais diversas classes sociais e de todas as tendências, correntes e partidos políticos. Assim como é falso chamar de comunistas a todos os que lutam em defesa do petróleo brasileiro, como fazem os entreguistas e os jornais da reação é igualmente errôneo supor que os comunistas possam por motivos de classe ou doutrinários ser contrários ao movimento nacionalista. Como comunistas, somos internacionalistas e inimigos irreconciliáveis do nacionalismo burguês no que tem de exclusivista e reacionário, mas jamais deixamos de apoiar o conteúdo democrático e progressista que tem o nacionalismo nos países economicamente dependentes ou micronacionais, como o Brasil.

Participando ativamente do movimento nacionalista, dentro dele mantemo-nos sempre vigilantes contra as tentativas daqueles que em vez da luta intransigente contra o opressor estrangeiro defenderem a conciliação com os monopólios norte-americanos e quiserem afastar o povo do caminho da luta consequente pela independência econômica do Brasil, contra a dominação imperialista e contra o regime político em que esta se apoia.

Não ocultamos jamais as divergências que nos separam da burguesia porque estamos convencidos de que só são fortes os que lutam apoiando-se em interesses reais. No movimento nacionalista, operários e patrões unem-se na luta contra o opressor norte-americano e seus agentes brasileiros, mas é evidente que lutam por interesses de classe que não são os mesmos e com objetivos que não podem deixar de ser diferentes. Tudo que encubra esses interesses e objetivos só pode enfraquecer os que lutam. Toda aliança para ser proveitosa precisa ser leal — devemos ter consciência do que nos une, mas também daquilo que nos separa. Além disto, é ingenuidade supor que a luta em frente única de operários e patrões possa apagar os antagonismos de classe.

Enfim, a nós, comunistas, não nos interessa de forma alguma ocultar os fatos. Não enrolaremos jamais nossa bandeira revolucionária e reclamamos, antes e acima de tudo, o direito de dizer a verdade ao povo. Participamos com entusiasmo do movimento nacionalista que ganha o país inteiro, mas sabemos que dentro desse movimento marcham ombro a ombro os que defendem o atual regime político e almejam por simples reformas e os que estão convencidos, como nós, comunistas, que para garantir a independência econômica do Brasil e o bem-estar do povo é indispensável substituir por um novo regime político, efetivamente popular e democrático, o atual regime de latifundiários e grandes capitalistas, em que se apoia a atual dominação do país pelos monopólios norte-americanos. Através da luta contra o jugo imperialista e da livre troca de opiniões, as massas serão ganhas para uma ou outra solução. No momento, o essencial é que nos unamos contra o inimigo comum — o imperialismo norte-americano e seus agentes brasileiros. É está nisto, fundamentalmente, a importância histórica do movimento nacionalista em curso no país.

PERGUNTA — Como está sendo enfrentado o problema da unidade do Partido na atual emergência?

RESPOSTA — Mais uma vez, enfrentamos com êxito, com firmeza e serenidade, a tentativa do inimigo contra a unidade do Partido. Um grupo divisionista, embora tenha conseguido durante algum tempo utilizar-se dos principais órgãos da imprensa do Partido para difundir suas opiniões contra a linha do Partido e para atacar a direção do Partido, não pôde enganar como desejava os militantes do Partido, chocou-se com o invencível sentido de unidade, essência do amor ao Partido e do espírito de Partido que, como comprovamos os fatos, há muito tempo foram arraizados em nossas fileiras.

(CONCLUI NA PÁG. 8)

PARA ONDE VAI ISRAEL?

Por S. MIKUNIS Secretário Geral do Partido Comunista Israelense

A agressão contra o Egito que havia sido acertada pela Inglaterra, França e Israel a fim de salvar as posições imperialistas perdidas na região do Próximo e Médio Oriente e na África do Norte, voltou-se contra os agressores. Apressaram-se os governantes norte-americanos a aproveitar a contundente ferroada dos imperialistas ingleses e franceses no Egito para atirá-los, para herdar as suas posições e reforçar o colonialismo na região sob a sua égide direta, na base da «doutrina Eisenhower». Desde a cassação dos combates no Egito, a «doutrina» constitui o fator essencial da tensão que cresce no Próximo Oriente, consequência direta da tentativa dos imperialistas de «internacionalizar» o canal, de se estabelecerem no golfo de Akaba e na zona de Gaza e de submeter os países árabes ao pacto de Bagdad ou a qualquer outra forma de dominação imperialista.

Um dos fatores importantes, que ajuda a reforçar a tensão na região do Próximo e Médio Oriente e sustenta a política imperialista de «dividir ut imperas», continua sendo o conflito entre Israel e os países árabes. A existência deste conflito permite aos imperialistas americanos, franceses e ingleses utilizar os meios militaristas, que detêm o poder em Israel, para os fins de pressão e chantagem contra o Egito e os outros países árabes que resistem ao colonialismo. Os imperialistas, com os Estados Unidos à frente, aproveitam-se do conflito árabe-israelense, e da ajuda que lhes dão os meios militaristas extremistas israelenses, para fins diversionistas: fazer os povos da região esquecer a sua luta contra o imperialismo. É por esta razão que os governantes americanos nada fazem para melhorar as relações árabe-israelenses, mas ao contrário fazem tudo que podem para que tais relações se tornem cada vez mais tensas.

DERROTA DA AVENTURA

Contrariamente ao interesse nacional de Israel e em flagrante contradição com a vontade de paz de nosso povo, os meios militaristas que estão no governo fizeram Israel entrar no campo dos colonialistas, escravizadores dos povos e partidários das guerras, que são ferocemente odiados por todos os povos do Oriente árabe.

Um país como o nosso, que tanto sofre com a ausência de paz com os países vizinhos, foi levado pelos círculos governantes — essencialmente militaristas — a praticar uma política de inimizade, de provocações, de operações militares contra os países vizinhos. Isto não pode senão agravar o conflito árabe-israelense e diminuir as possibilidades de paz.

Um país como Israel, que tem sua economia a desenvolver, que deve resolver o problema de absorção de imigrantes (que vegetam anos inteiros nos campos de trânsito — «naabarot» — e em novas aldeias onde enfrentam condições inumanas) foi levado por seus governantes a praticar uma política de corrida aos armamentos, que absorve mais da metade do orçamento do Estado. Os governantes fazem os operários e as massas trabalhadoras pagar estas pesadas despesas, preço da política de dependência para com o imperialismo e de apoio dos seus planos de agressão e de colonialismo no Próximo Oriente.

A prova? Não há prova melhor do que esta aventura militar israelense de 29 de outubro de 1956 contra o Egito. Tendo por base um arranjo e de acordo com os colonialistas britânicos e franceses, os meios militaristas israelenses se incumbiram de atacar em direção ao canal de Suez a fim de fornecer um pretexto à agressão anglo-francesa contra o Egito, embora isso comprometesse, ao mesmo tempo, a paz no Próximo Oriente e o mundo inteiro e a segurança e o futuro do Estado de Israel. Foi assim que, por erro de seus governantes, Israel apareceu aos olhos do mundo inteiro como um agressor que compromete a paz, serve ao imperialismo e colabora com ele, como o inimigo das aspirações à independência dos povos da região, como um fator oposto à liquidação do conflito árabe-israelense.

A opinião pública mundial não aceitou em absoluto a versão do governo de Israel que pretende haver agido «independentemente» e por razões de «defesa». Ela atribui à agressão contra o Egito as suas verdadeiras razões: pois além dos objetivos criminosos que se haviam fixado Guy Mollet e Anthony Eden e que os governantes de Israel se tinham apressado a servir, havia também os objetivos próprios por estes visados. Em primeiro lugar, a expansão territorial, sob o pretexto de uma «libertação de uma parte de nossa pátria ainda não libertada»; a seguir, a esperança de ditar ao Egito, graças à intervenção armada, uma paz que lhe impusesse os «fatos consumados»; finalmente, o desejo de assegurar a Israel o apoio das potências ocidentais, contra os países árabes, para uma solução do conflito árabe-israelense baseada em posições de força.

Estes objetivos, (qualquer que seja o seu disfarce), nada têm a ver com os verdadeiros interesses de Israel. E hoje Mollet-Eden-Ben Gurion não atingiram os seus objetivos por-

que a correlação de forças no mundo não é favorável ao campo imperialista e também em virtude da luta do povo egípcio e da pressão da opinião pública mundial.

A experiência da triplice agressão contra o Egito provou que o caminho da guerra se malogrou, que a política baseada sobre as «posições de força» fracassou; que Israel não obteve nenhuma vantagem com a aventura egípcia, mas, ao contrário, foi-lhe causado um grave prejuízo do ponto de vista internacional e do ponto de vista de sua posição no Próximo Oriente. A sua economia sofreu duramente e os interesses econômicos e sociais das grandes massas populares foram duramente atingidos. Nenhum dos problemas que sobrecarregam Israel — e o mais importante deles é o conflito árabe-israelense — encontrou solução. Ao contrário, estes problemas se tornaram mais complexos e mais graves. É evidente que Israel não podia obter aquilo que não obtiveram pela força armada as duas potências ocidentais, a Inglaterra e a França. O fortalecimento dos movimentos de libertação nacional antiimperialista dos povos do Oriente árabe, a simpatia e a solidariedade que encontraram junto a todos os povos da Ásia e da África e junto a todos os países do campo socialista, dão aos povos da região a possibilidade de repelir o «diktat» dos colonialistas e dos círculos de Ben Gurion. Este teve de confessar a sua decepção, numa entrevista ao correspondente do «Figaro» publicada no dia 16 de dezembro.

A Serviço de Eisenhower

A associação do Estado de Israel com o imperialismo não terminou com o fracasso da aventura militar contra o Egito. É que certa gente se propõe a utilizar os círculos que detêm o poder em Israel a fim de tirar as castanhas do fogo para grande felicidade dos reis do petróleo e da finança do outro lado do Atlântico. Desde a derrota anglo-francesa, os imperialistas americanos estão na primeira linha e os governantes israelenses se colocaram, muito naturalmente, a servir os interesses americanos, na mesma base das posições de força.

Durante a época em que foi procrastinada a evacuação das forças israelenses da Charm-el-Cheikh e da zona de Gaza, de novembro de 1956 até o começo de março de 1957, foi elaborado um novo arranjo entre Israel e os Estados Unidos na base da «doutrina Eisenhower». Doravante os governantes americanos ditam o papel que Israel deve representar: servir a «doutrina», fazê-la avançar retardando tanto quanto possível a evacuação das forças israelenses do território egípcio conquistado. Neste sentido foi exercida pressão sobre o Egito para que consinta na «internacionalização» do canal e aceite o «diktat» americano.

O papel de Israel é de tornar possível o duplo jogo dos Estados Unidos. De uma parte exigir «energicamente» que Israel retire suas forças do território egípcio, e isso piscando os olhos amigavelmente às capitais dos países árabes; de outra parte sustentar a «obstinação» de Israel em conservar o território conquistado, intercedendo junto a este país e lhe fazendo promessas. Desta maneira os Estados Unidos asseguraram a qualidade de «intermediário» e podem intervir militarmente na região do Oriente Próximo. Durante este período de evacuação retardada veio a declaração americana concernente ao caráter internacional dos direitos de Akaba e «a disposição» americana de defender este «caráter» pelo envio de suas forças navais. Ao lado da pressão americana sobre o Egito para que este consinta na «internacionalização» do canal de Suez — isto é, na dominação americana sobre o canal — apareceu a pressão, mais leve, na direção de Akaba.

A ameaça de uma ação militar contra a zona de Gaza e o estreito de Akaba tem um só objetivo: criar as condições de uma implantação armada dos Estados Unidos nestas zonas, seja diretamente, seja sob a etiqueta da ONU. O exército israelense foi retirado de Charm-el-Cheikh e de Gaza, não pela aceitação das decisões da ONU ou pela boa vontade em relação aos árabes, para iniciar uma nova página das relações árabe-israelenses, mas sim após um novo arranjo de longo alcance com os Estados Unidos. Deste modo a consequência mais séria da aventura egípcia e de seus resultados imediatos foi o fortalecimento da dependência de Israel ante as potências imperialistas, os Estados Unidos em primeiro lugar!

Desde então os governantes israelenses não cessaram de proferir ameaças contra o Egito, a Síria ou a Jordânia, em consonância com as necessidades do momento dos colonialistas.

No debate parlamentar de 3 de abril último, Ben Gurion mencionou um certo «dilema» de utilizar a força contra o Egito, para assegurar a liberdade de navegação, que as

potências ocidentais teriam reconhecido a Israel. De sua parte, o ministério dos Negócios Estrangeiros está entusiasmado porque Israel se reservou o direito de liberdade de ação em Gaza e nos estreitos de Akaba, e ele declara que se reportará «à declaração americana em favor deste direito de liberdade de ação». Em suma, como se nada houvesse ocorrido, sem levar absolutamente em conta a completa falência da campanha de conquistas militares e da «política de força» dos governantes de nosso país, os círculos militaristas agrupados em torno do Sr. Ben Gurion voltam a fazer ameaças e a brandir seu grande sabre. Isso inspira um temor e uma apreensão profundas nas massas populares de nosso país. O perigo real que aparece através destas ameaças reside no fato de que os imperialistas se encontram por detrás de Ben Gurion. E estes provaram que apesar de suas derrotas não renunciaram à agressão e à força.

É por isso que veio em tempo útil a advertência soviética a Israel e à França, de 23 de março de 1957, de não permitir o curso de novas aventuras. Era o sinal de alarma para os povos ante o perigo que lhes advinha de uma nova conflagração no Próximo Oriente. O governo soviético acentuou neste documento que está firmemente convencido de que é possível regular todos os problemas pendentes, não pela força, mas pacificamente, pela via das negociações. É a seqüência do plano de paz soviético para o Próximo e Médio Oriente, de 12 de fevereiro de 1957.

Os governantes israelenses não levam em conta nem a advertência soviética nem o plano de paz da URSS, exatamente como fazem as grandes potências ocidentais, e isso prova que eles não estão interessados num afluxamento da tensão e no estabelecimento da paz na região. Esta política, que não leva em conta a vontade de paz de nosso povo e que põe em perigo nossa segurança e nosso futuro nesta parte do mundo, não poderá durar muito tempo. O papel que os governantes americanos reservaram ao governo do Sr. Ben Gurion, segundo o acordo entre Foster Dulles e Golda Meir, a serviço da «doutrina Eisenhower», está em flagrante contradição com o interesse da paz e o interesse nacional de Israel.

A POLÍTICA JUSTA DO PARTIDO COMUNISTA

O nosso Partido Comunista — o único entre todos os partidos israelenses — fiel à causa da paz, ao interesse nacional de Israel e ao internacionalismo proletário, condenou firmemente e sem hesitação a agressão dos governantes israelenses contra o Egito. Ele denunciou a campanha conduzida contra a URSS, a quem o povo de Israel deve ao contrário, agradecer a ajuda prestada durante o nascimento de nosso Estado, assim como os seus esforços pela paz no Próximo Oriente.

Nosso partido tem o direito de se orgulhar de que as suas advertências feitas antes, durante e depois da aventura militar contra o Egito foram plenamente justificadas; o desenvolvimento dos acontecimentos provou que nossas advertências e nossa difícil luta durante esta época tinham por fundamento nossa profunda preocupação pela segurança e pelo futuro de Israel, fruto de uma apreciação exata das forças que atuam na arena internacional e no Próximo Oriente.

Estes meses reservaram difíceis provas ao nosso Partido, a todos os nossos camaradas, a todos os membros das Juventudes Comunistas e a todos os nossos simpatizantes; mas todos passaram por tais provas com honra.

Esta atitude se torna possível graças à inteira e plena confiança dos membros do Partido na equidade e na justiça de nossa política.

Nosso Partido vê na política de dependência, conduzida pelos governantes de nosso país, a fonte essencial de todos os males de Israel. A experiência histórica confirma plenamente esta tese. Uma radical mudança da política israelense é necessária a fim de assegurar a independência do país, seu desenvolvimento econômico, a melhoria de suas posições políticas no mundo, a fim de criar as condições para uma paz justa e durável entre Israel e os países árabes, para o progresso social e as liberdades democráticas do povo.

O problema do conflito árabe-israelense, que constitui um foco de guerra e ajuda as potências ocidentais a praticar a sua política colonialista no Próximo Oriente, não é, no fundo, senão o problema de luta contra o imperialismo... A liquidação deste problema está ligada à solução do problema palestino. Nosso Partido tem constantemente alertado contra a desastrosa política do governo, que consiste em ignorar os direitos nacionais do povo árabe palestino. Para nosso pesar, as nossas opiniões têm sido confirmadas: a política antiárabe do governo tornou o terreno propício, no Oriente, às tendências visando o

esmagamento de Israel. É por isso que continuaremos a nos opor, com energia, à política de provocação, de força e de expansão conduzida pelos governantes israelenses para com o Oriente árabe e também às tendências de esmagar Israel que ganham alento em certos círculos de opinião árabe de certos países.

Nós nos temos oposto e nos oporemos ainda mais vigorosamente a estes dois caminhos — afinal é um só caminho — o caminho da guerra que não serve senão aos interesses imperialistas.

Nós lutamos e continuaremos a lutar pelo caminho da paz, por uma solução pacífica, justa e baseada no consentimento das duas partes, sobre os direitos nacionais legítimos do povo israelense e do povo árabe palestino. Estamos plenamente convencidos e conscientes da comunidade dos interesses essenciais dos dois povos e nós afirmamos que somente o caminho da paz constitui o caminho da vida e de um futuro feliz para eles.

Fiel aos princípios do marxismo-leninismo para a solução dos problemas nacionais, e tomando em consideração os aspectos particulares do nosso problema nacional, nosso Partido Comunista fixou as linhas fundamentais de uma solução pacífica, justa e durável do problema palestino, para uma regulamentação pacífica e durável das relações árabe-israelenses. Nós afirmamos que:

a) o povo judeu da Palestina fez valer o seu direito de dispor de si mesmo (indo até à separação) e estabeleceu o Estado de Israel; o povo árabe, de outro lado, foi impedido de fazer uso deste direito pela guerra imposta aos dois povos palestinos pelo imperialismo; em consequência, a solução justa do problema exige que Israel reconheça o direito do povo árabe da Palestina (nêle compreendida a parte que se acha em Israel) de dispor de si mesmo, indo até à separação.

b) este direito do povo árabe, que a anexação de territórios árabes por Israel golpeia profundamente, constitui a base da solução do problema territorial debatido entre os Estados árabes e o Estado de Israel.

c) Israel deve reconhecer aos refugiados árabes que o desejam o direito de voltar para suas casas e de receber reparações.

d) No quadro da regulamentação do conflito árabe-israelense, os Estados árabes devem reconhecer o Estado de Israel e concluir a paz com ele. Eles devem reconhecer a Israel o direito de navegar no canal de Suez e no Mar Vermelho, regular por acordo mútuo os problemas de irrigação e levantar o boicote econômico de Israel.

OS COMUNISTAS NÃO ESTÃO SÓS

O comportamento corajoso do grupo «Nehoud», grupo de intelectuais compreendendo professores da Universidade e conhecidos escritores, que se ergueram contra o aventureirismo militar, contra a guerra egípcia e em favor de um acordo árabe-israelense; a ampla crítica dirigida por M. Sharett, ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, na sessão do Parlamento de 6 de março de 1957 a propósito da guerra do Sinai; as observações picantes que M. Goldman, presidente da Organização sionista mundial fez sobre o mesmo problema, em sua conferência de imprensa de 12 de março de 1957, e que não fazem mais que retomar, no fundo, as apreciações de nosso Partido; o fato de que «Al-Harashmar», — jornal do partido MAPAM, que se associou ao campo do sr. Ben Gurion no começo da guerra do Sinai e apoiou a guerra, — se levante atualmente contra aqueles que desejariam recomeçar a aventura militar; as tendências que ganham alento na opinião pública, inclusive nos círculos do partido MAPAI, em favor de uma reaproximação com os povos da Ásia e da África — tudo isso prova que existe uma forte corrente de luta por uma mudança de política.

A política de nosso Partido consiste em encorajar todo homem, todo círculo, todo elemento de opinião pública, sem distinção de nação e de opinião, que esteja interessado em lutar pela paz, a independência nacional e a neutralidade de Israel. Nós lutamos pela unidade de ação da classe operária, sem distinção de origem nem de opinião política, nós lutamos para estabelecer uma vasta frente anti-imperialista, patriótica, que compreendia todas as classes e todas as camadas sociais às quais a dependência de Israel e sua sujeição econômica aos monopólios estrangeiros acarreta prejuízo. Nós dizemos que a sorte e o futuro de Israel estão, antes de tudo, nas mãos das massas populares israelenses; que Israel deve marchar ao lado dos povos árabes contra o imperialismo, com as forças da paz e da independência contra as forças da guerra e da servidão.

Em face da confusão que reina no campo dos governantes de nosso país, em face da falência da política e das campanhas militares dos círculos militaristas à frente dos quais se encontra o sr. Ben Gurion, — a política patriótica e internacionalista de nosso Partido Comunista Israelense aponta a nosso povo a estrada da paz, da independência e do progresso.

RENOVAR O PARTIDO E DERROTAR O ANTIPARTIDO

Os ideais e a causa por que lutamos são os mais justos, nobres e belos. Lutamos pela libertação nacional e social do povo brasileiro, para que o Brasil seja uma nação livre e próspera e chegue a integrar-se na nova etapa histórica aberta para a humanidade, há 40 anos, pela Grande Revolução de Outubro. Na marcha para esses objetivos, nosso Partido e nosso povo já percorreram e terão ainda de percorrer caminhos difíceis, pois os imperialistas lanques e as classes retrogradadas, que dominam o Brasil, não abandonarão seu lugar sem lutas. Mas, não há dúvida, seremos vitoriosos.

Surgido das necessidades desta luta, é em função dela que nosso Partido existe e atua como vanguarda consciente e organizada da classe operária em nosso país. Através de duras provas, tendo acertos e erros, vitórias e derrotas, nosso Partido cresceu e fortaleceu-se, ganhou prestígio e autoridade entre vastas camadas da população e transformou-se num importante fator revolucionário na vida política brasileira.

É inegável, porém, que na vida e na atividade de nosso Partido se acumularam contradições muito sérias, que não foram enfrentadas a tempo e superadas de modo adequado. Desenvolveu-se toda uma tradição de centralismo em detrimento da democracia. Os órgãos executivos (Secretariados) absorviam e realizavam as tarefas dos órgãos políticos (Comitês). O mandonismo grassou em todo o Partido. O burocratismo foi surgindo na atividade das direções e dos dirigentes e levou-os a um processo de gradativo distanciamento das bases e das massas. A voz das bases refletia-se muito pouco ou quase nada na orientação e na ação das direções intermediárias e da direção central do Partido, o que redundou, como era inevitável, num atrofiamento da vida das próprias bases. O sectarismo se manifestava intensamente, determinando o estabelecimento de relações não justas também com as massas, as quais pretendíamos tutelar. O subjetivismo nas suas mais variadas formas exercia fortes influências em nosso pensamento, tendo suas manifestações mais freqüentes em diretivas e fórmulas derivadas mais de nossa imaginação e vontade do que da análise multilateral dos fatos objetivos. O pior é que quase sempre transformávamos essas diretivas e fórmulas em verdades indiscutíveis, em dogmas de fé, que em geral só eram abandonadas depois dos prejuízos haverem-se tornado gritantes. E como a renúncia a elas não se dava à luz da necessária luta ideológica, esse fenômeno nocivo se mantinha sob novas formas. Todas essas concepções e esses métodos subjetivos e sectários ocuparam um lugar muito grande em nosso método de pensar, na vida interna do Partido e de sua direção central, na política, na atividade prática e no trabalho do Partido com as massas. Expressão de influências estranhas à ideologia do proletariado e também do avanço precário da nossa capacidade teórica, de conhecer efetivamente a realidade objetiva, essas concepções e esses métodos não podiam deixar de impedir o maior desenvolvimento do Partido, de prejudicar sua ação dirigente entre as massas, com reflexos negativos nas lutas de nosso povo por sua libertação nacional e social.

A responsabilidade dos graves erros e debilidades verificados em nosso Partido cabe fundamentalmente ao Comitê Central e, em particular, ao Presidium e ao Secretariado, conforme já assinalou o Comitê Central. Sendo um dos dirigentes mais responsáveis do Partido, reconheço o quanto foi prejudicial ao Partido persistir em concepções e métodos que feriam os princípios do marxismo-leninismo e que a vida demonstrou serem profundamente nocivos. Sei que ninguém se transforma num marxista facilmente da noite para o dia e que ser dirigente comunista seria cômodo se na luta não se estivesse sujeito a equívocos e erros, mas vejo que é muito grande e grave minha responsabilidade pessoal nas violações dos princípios marxistas-leninistas de organização e de direção, nas debilidades e falhas ideológicas do Presidium e do Secretariado na condução do Partido, nos erros da direção e nos reveses do Partido de 1942 até hoje. Lutei, cometi erros e revelei debilidades — e por isso devo ser criticado e preciso autocriticar-me. Estou decidido a livrar-me das idéias incorretas e dos maus hábitos, a transformar-me, reeducar-me e renovar-me, pois será assim e somente assim que poderei bem servir ao Partido, na fase nova que está aberta para seu fortalecimento e consolidação.

O combate a essas concepções e a esses métodos, aos nossos erros e debilidades vem se desenvolvendo. É salutar o que se tem alcançado. Corrigem-se já os métodos mais nocivos do trabalho de direção e fazem-se esforços para que este passe de fato para a responsabilidade coletiva dos Comitês. Examinam-se casos de elementos contra os quais foram cometidas injustiças. Discutem-se medidas a respeito das seções, comissões e frações, buscando-se simplificá-las, torná-las mais eficientes e operativas, melhorar enfim suas funções e atividades como órgãos auxiliares do trabalho das direções. Realizam-se Assembléias Gerais das Organizações de Base e Conferências Distritais, de Comitês de Empresa, de Zonas e Regionais. Muitos Comitês Regionais já estudam com crescente interesse as condições reais de suas regiões. Desenvolvem-se a crítica e o controle de baixo para cima. Começa-se a emitir opiniões sem receio de contrariar a quem quer que seja e nas discussões discorda-se mais francamente e exigem-se argumentos mais convincentes. A unidade de nossas fileiras começa a basear-se na aceitação consciente e não mais na obediência mecânica. Seria falso, porém, dizer-se que tudo corre bem e sem obstáculos, sem erros, debilidades, resistências e protelações. Temos ainda, evidentemente, falhas sérias na condução da vida interna. Nem sempre participamos com o acerto desejável nos debates que se travam no Partido. É ainda com

DIOGENES ARRUDA

sentido que estamos adotando as medidas exigidas pelas necessidades do desenvolvimento do Partido e do movimento emancipador e democrático de nosso povo.

Em face das circunstâncias existentes, alguns elementos ideologicamente mais débeis e mais facilmente influenciáveis pela propaganda do inimigo trataram de explorar os justos anseios de democratização da vida interna do Partido, os ressentimentos de grande número de dedicados membros do Partido em relação a injustiças cometidas no passado, o desejo revolucionário de corrigir os erros, para estimular a indisciplina, conduzir à formação de grupos e frações, indo até ao divisionismo e ao liquidacionismo. Isso nos obrigou e nos obriga ainda a lutar contra a atividade desagregadora dos elementos antipartidários encabeçados pelo renegado Agildo Barata, contra suas posições revisionistas da doutrina do proletariado e sua orientação política tipicamente nacionalista-burguesa, antiinternacionalista, anti-soviética e anticomunista.

A luta contra o divisionismo não pode, porém, ser conduzida de maneira a que sejamos envolvidos por ela. Se isto acontecesse, se permitíssemos que nossa atividade central ficasse voltada estreitamente para a simples luta direta contra os divisionistas, estaríamos fazendo o seu jogo. Penso mesmo que isto corresponderia justamente aos intentos dos que desejam amarrar nossos braços e levar-nos à inação. Atualmente, a luta contra o renegado Agildo Barata e seu grupo liquidacionista já é uma luta contra algo que se pôs fora do Partido e contra ele. Tendo em conta essa realidade, melhor desmascararemos suas teses revisionistas e sua atividade insidiosa e desagregadora, separando ao mesmo tempo nitidamente o divisionismo antipartidário das divergências, das críticas e das confusões, que existem em nossas próprias fileiras. Só assim reconheceremos também condições que, no processo crítico e autocrítico de correção dos nossos erros e debilidades, alguns comunistas dedicados podem ter sido envolvidos pelas manobras dos divisionistas. Corresponde aos interesses do Partido tudo fazer para estimular esses elementos a voltarem à atividade prática dentro do Partido. E cabe-nos recebê-los como camaradas.

Tinhamos e temos a obrigação revolucionária de defender o Partido dos que o atacam e desejam sua liquidação como partido marxista-leninista e independente da classe operária. Mas só derrotaremos, em toda a linha e no menor prazo, a atividade liquidacionista do grupo de Agildo Barata na medida em que corrigirmos nossos erros e debilidades no trabalho do Partido e na atuação do Partido junto às vastas camadas da população brasileira. Será assim que o grupo antipartidário não encontrará qualquer ambiente que lhe possa ser favorável. Sem vacilação na luta contra o antipartido, a defesa do Partido tem de ser realizada hoje, concentrando nosso principal esforço na intensificação da correção corajosa das nossas concepções e métodos falsos e prejudiciais, dos nossos erros e debilidades passados e presentes, voltando decididamente o Partido para a atividade prática de massas. E isto depende de todos nós. Depende de que prossigamos e aprofundemos, dentro do mais elevado espírito de fraternidade comunista, a luta interna no Partido para a eliminação das idéias e práticas nocivas existentes em nossas fileiras. Depende de que seja assegurado sempre, na vida interna do Partido, o absoluto respeito aos princípios e métodos marxistas-leninistas do Partido, o justo equilíbrio entre o centralismo e a democracia, entre a liberdade e a disciplina, de maneira a que se mantenha uma atmosfera democrática, de pleno uso da liberdade de opinião e de trabalho criador, de circulação e de confronto das idéias, de crítica e de autocritica à base de princípios e na pesquisa da justa solução para os problemas. Depende de que pratiquemos de fato a direção coletiva, onde todos possam colaborar com sua capacidade e experiência na busca ininterrupta da verdade e tomando parte ativa na prática revolucionária. Depende de que sejam asseguradas todas as garantias aos direitos inalienáveis de cada membro do Partido, repelindo-se qualquer discriminação por motivo de divergências e respeitando-se o direito de cada militante de emitir e defender seus pontos-de-vista, de divergir e de criticar, desde que observe a disciplina do Partido e defenda sua unidade.

A correção dos nossos erros, a solução adequada das contradições que se acumularam em nosso Partido e a luta pela elaboração de posições ideológicas justas e de diretrizes políticas que correspondam inteiramente às novas condições não são, porém, tarefas apenas da direção do Partido, do Comitê Central ou das direções regionais e locais. Estas são tarefas de todo o Partido. Compete a cada comunista defender seus direitos partidários, defender sua condição de comunista. A defesa de todos os direitos do membro do Partido é hoje a garantia para que seja despertado seu maior interesse pelas coisas do Partido, para que se possa intensificar a atividade política da massa de membros do Partido e alcançar sua participação ativa na discussão e solução dos problemas do Partido. Quanto maiores forem o respeito e as garantias aos seus direitos, mais elevada será sua compreensão de seus deveres partidários, mais entusiasmo reinará em nossas fileiras e mais frutífero será o nosso trabalho político com as massas.

Isto pressupõe que as Organizações de Base e demais organismos partidários, dentro da linha geral do Partido, tenham vida política própria e o máximo de iniciativa, discutam e decidam coletivamente sobre os problemas que diante deles são colocados pelas massas, pelos seus militantes

e pelos organismos superiores. E nas reuniões das Organizações de Base e dos outros organismos partidários que pode ser discutida e esclarecida a política do Partido e determinadas as tarefas para todos e cada um de seus membros. É também que os membros do Partido se educam como comunistas e encontram a ajuda e os conselhos que lhes são indispensáveis para trabalhar sempre melhor com as massas, para ter participação ativa nos sindicatos e outras organizações de massa. Por sua vez, os membros do Partido levam às reuniões de seus organismos suas sugestões, observações e críticas. Vivendo no meio das massas, os militantes de base, melhor do que ninguém, podem informar sobre as reivindicações, as necessidades e o estado de espírito das massas. Estão eles melhor colocados do que quem quer que seja para julgar da repercussão de tal ou qual palavra-de-ordem do Partido entre as massas, para apreciar a atitude das massas diante das posições políticas do Partido. Se levam tudo isto às reuniões de seus organismos partidários e estes exercem o papel de ligação das massas populares com os organismos dirigentes, então a orientação e as tarefas do Partido serão cada vez mais corretas e tudo aquilo que existir de errôneo e falho poderá ser mais rapidamente corrigido. A elaboração de uma orientação justa pressupõe sua verificação constante pela prática. Neste sentido, as observações e as críticas das Organizações de Base e de cada militante são indispensáveis às direções e aos dirigentes, especialmente ao Comitê Central e seus membros. Se a voz das bases é a voz do Partido, então precisamos ouvir efetivamente suas opiniões e estudar efetivamente suas experiências. Na pesquisa viva dos fatos concretos e do conjunto das condições reais existentes, na análise e sistematização da prática revolucionária, no estudo das opiniões e das experiências do Partido e das massas, no exame crítico dos resultados de cada trabalho, na participação direta de todos os militantes e organismos partidários na solução das questões que se apresentam, estão os elementos essenciais para o combate vitorioso ao estilo subjetivo e sectário de pensar e de trabalhar, está aquilo que se chama a sabedoria coletiva do Partido. E só apoiados nessa sabedoria e com a ajuda do Partido poderemos superar mais rapidamente nossos erros e defeitos e encontrar as soluções mais justas para os novos problemas criados pela vida, a fim de intensificar o desenvolvimento de nosso Partido e do movimento emancipador e democrático de nosso povo.

Voltar-nos para as bases e para as massas, estimulando ao máximo o trabalho político do Partido, é este, sem dúvida, o caminho para vivificar todo o Partido, para incentivar, desenvolver e dirigir um amplo movimento de massas e um vasto movimento de coordenação de todas as forças patrióticas, democráticas e populares que lutam pelo progresso, pela emancipação nacional, pela democracia e pela paz. As tarefas de massas, a unidade dos trabalhadores e o desenvolvimento de suas lutas, uma atividade multiforme, ampla e flexível junto a todas as camadas da população, são necessidades imperiosas que nos coloca a situação brasileira. Servir bem às massas, ensiná-las e aprender com elas, ser a principal força de coesão e fator de entendimento mútuo na vida política, é assim também que nos rejuveneceremos e nos fortaleceremos e que estaremos nos esforçando de fato para cumprir nossa missão revolucionária.

A necessidade de renovar o Partido exige, pois, que intensifiquemos o combate corajoso às concepções e aos métodos estranhos ao marxismo-leninismo, aos nossos erros e aos defeitos de nossa formação, levando esse combate até a vitória completa. Com espírito de Partido e nos despindo cada vez mais de toda vaidade e auto-suficiência, existindo todas as condições favoráveis para nos transformarmos e para que sejam erradicados de nosso meio o dogmatismo e o revisionismo, o sectarismo e o reformismo, o ultracentralismo e o ultrademocratismo, o mandonismo e o liberalismo, assegurando-se assim uma experiência utilíssima ao processo de renovação de nosso Partido.

Num Partido Comunista não há homens infalíveis, pessoas a quem não se possa criticar e cargos vitalícios. Dentro dos princípios partidários, sempre que for necessário e útil para o Partido, devem ser evidentemente substituídos aqueles dirigentes que não se corrigem dos seus erros, manifestam-se conservadores e rotineiros e persistem em concepções e métodos prejudiciais, não se esforçando para analisar e enfrentar concretamente, à luz do marxismo-leninismo e através do trabalho coletivo, os novos fatos e fenômenos surgidos na situação ou não se colocarem à frente do novo curso que se abriu em nosso Partido. Ao mesmo tempo, convém frisar que ataques e golpes sem piedade, retaliações pessoais ou ajustes de contas e atentados à unidade do Partido nada têm a ver com a honesta e salutar disposição de corrigir os erros e de renovar o Partido. A crítica comunista é uma crítica fraternal e adequada para corrigir erros, feita dentro do espírito de camaradagem e de unidade, objetivando nossa renovação e uma unidade em nível superior.

Lutando pela eliminação das concepções e dos métodos estranhos à doutrina invencível do marxismo-leninismo, e combatendo todas as tendências que nos afastam das massas, ligando-nos cada vez mais estreitamente às massas e impulsionando suas lutas, marchamos para a conquista de novos e importantes êxitos para nosso Partido e nosso povo. Das provas por que passamos e com as novas e ricas experiências, nosso Partido sairá renovado e fortalecido. Os esforços, que hoje fizermos, serão compensados pelas vitórias, que nos aguardam.

DESENVOLVEM-SE AS LUTAS POR AUMENTO DE SALÁRIOS

Os trabalhadores brasileiros reforçam sua unidade na luta por aumento de salários — Novas e importantes experiências surgem na atual campanha, particularmente em São Paulo — Até o fim do ano, deverá atingir a quase um milhão, o número de trabalhadores paulistas que exigirão aumento salarial — Os patrões apresentam falsas alegações e teses reacionárias, para negar o aumento — O êxito da luta dependerá da organização e da firmeza dos trabalhadores



A luta dos trabalhadores em caris do Distrito Federal, por aumento de salário, tem sido constante. Agora mesmamente no setor têxtil ou no próximo dia 30, se a Light não pagar o aumento concedido.

INTENSA movimentação observa-se atualmente em todo o país. Sucedem-se lutas e os movimentos reivindicatórios, provocados por praticamente todos os setores profissionais do proletariado brasileiro.

Assistimos a um poderoso ascenso do movimento operário no Brasil, fenômeno esse que não passa despercebido às diferentes correntes políticas e que chega a provocar sérias inquietações aos partidos das classes dominantes. A classe operária brasileira vai se impondo, cada vez mais através de suas lutas e de sua participação ativa no debate dos grandes problemas nacionais que hoje enfrenta o nosso povo, como uma força política que não pode ser desconhecida por quem quer que se proponha apresentar soluções ou «saídas» para tais problemas. Voltam-se hoje para a classe operária em busca de seu apoio, os políticos mais reacionários e antipopulares, que sistematicamente se colocam contra os interesses dos trabalhadores. Prova disso é a presença de Carlos Lacerda, por exemplo, numa assembleia sindical de metalúrgicos, na qual é declarada greve por aumento de salários.

Neste primeiro semestre de 1957, segundo ano do governo do Sr. Juscelino Kubitschek, os trabalhadores viram que seu caminho é a luta e não a espera passiva de que as promessas do candidato à

energico protesto contra as ameaças de restrição ou anulação de direitos conquistados há longos anos — como a estabilidade no emprego, — contra a transformação de nossas ferrovias e portos em



da, pela aprovação do projeto Homero Silva que isenta 9 gêneros de vendas e consignações; — contra a transferência ferroviários além de muitas outras, desta daquela categoria profissional.

Por aumento de salários, tam hoje, em São Paulo, metalúrgicos, têxteis, gráficos, químicos, trabalhadores de curtumes e calçados, vidros, aeroviários, comerciantes, bancários e trabalhadores de frios e laticínios. São mais de 600 mil trabalhadores, em todo o Estado, prevendo-se até o fim do ano o número total atinja quase um milhão à medida que se extinguem os acordos salariais.

Essas lutas estão sendo cuidadosamente preparadas há vários meses. Dezenas de assembleias foram realizadas nos sindicatos; a se reuniram as respectivas diretorias e as comissões de salários, eleitas pelos trabalhadores, a fim de discutir a planificação da campanha por aumento.

Novas e interessantes experiências estão adquirindo os trabalhadores paulistas, no processo da luta por aumento de salários.

Unidos em seu poderoso Pacto de Unidade, que reúne mais de uma centena de sindicatos, estabeleceram as organizações sindicais alguns pontos comuns, ao mesmo tempo que mantêm algumas características distintas, para as diferentes categorias profissionais.

Embora os sindicatos tenham tabelas de aumento diferentes — variando entre 40% a 45% — estão de acordo na luta contra o teto no aumento de salários, contra a carestia, pela aprovação do projeto Homero Silva (já aprovado em 1ª discussão na Assembleia Legislativa Estadual) etc.

Cada setor profissional negocia o aumento de salários de maneira independente, com o respectivo sindicato pa-

tricular. Mas no caso de um setor recorrer à greve, existe o acordo para a solidariedade recíproca entre os vários setores profissionais — val desde abaixo-assinados até outras manifestações de apoio, inclusive a greve de solidariedade.

Os sindicatos estão lutando por uma solução amistosa com os patrões e só conduzirão os operários à greve, diante da intransigência patronal.

Importante iniciativa tomaram os trabalhadores durante o trabalho de elaboração das tabelas de aumento, apresentadas aos patrões: dezenas de milhares de questionários, distribuídos individualmente a cada trabalhador, em seu local de trabalho, permitiram

fazer uma ampla consulta sobre a opinião de cada operário. A distribuição e o recolhimento dos questionários serviu também para a eleição de novos delegados sindicais — os metalúrgicos, por exemplo, elegeram um número de delegados maior do que tinham antes.

Por outro lado, apesar dos acordos intersindicais e da campanha comum de todos os trabalhadores paulistas por aumento de salários, a luta individual em cada empresa, também se desenvolve. Recentemente, entraram em luta os trabalhadores da Labor e do Papel Carioca; no Banco de São Paulo houve ameaça de greve, por restabelecimento de salários, luta que foi vitoriosa.

As alegações falsas e reacionárias dos patrões

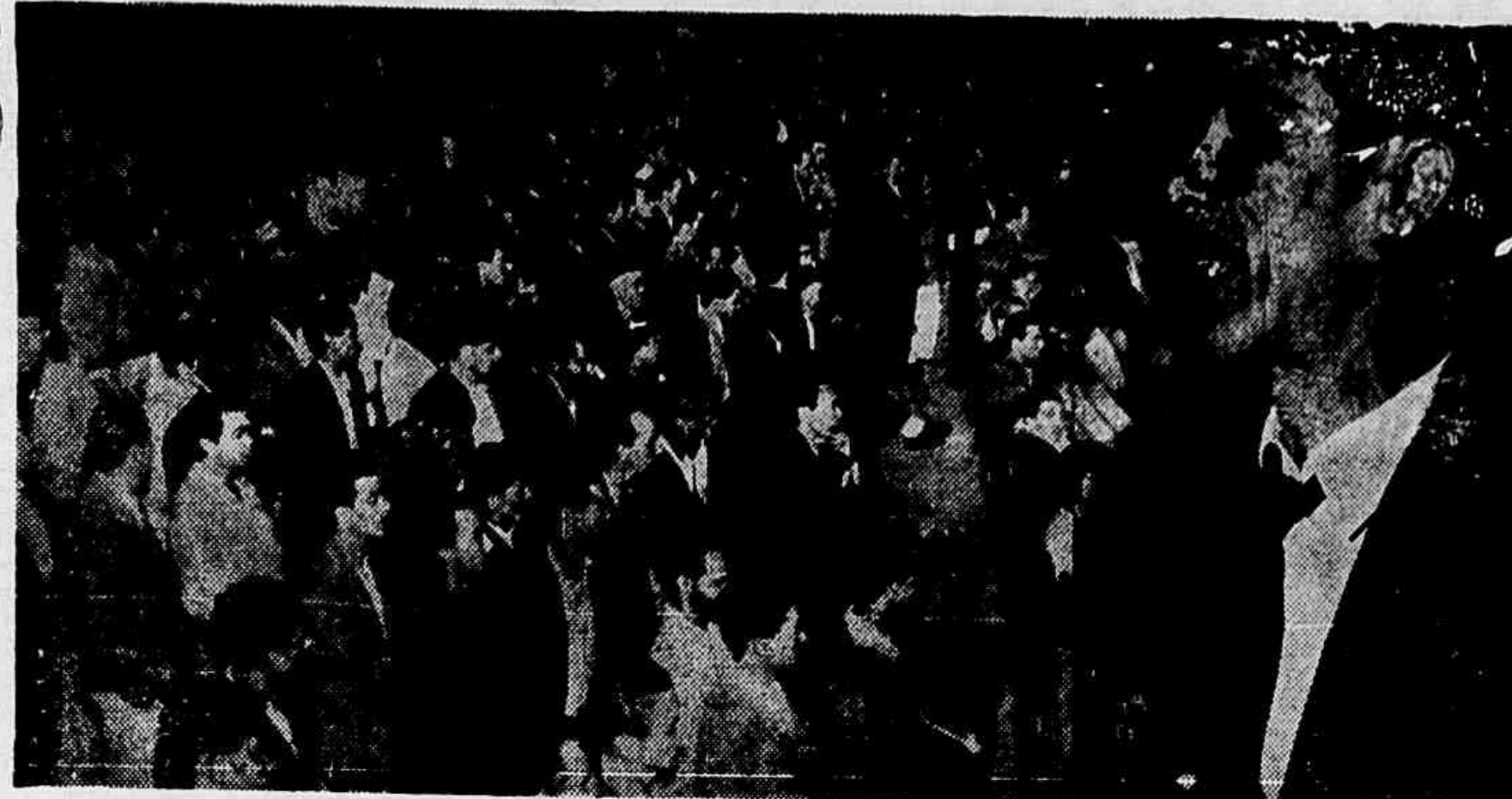
Não é fácil a luta dos trabalhadores por aumento de salários. É preciso derrotar a resistência dos patrões e desmascarar a onda de falsas alegações e de teses reacionárias que procuram sempre negar o aumento pleiteado pelos operários.

As mais comuns são as seguintes: — o aumento de salários traz maior carestia de vida; — os patrões não podem dar o aumento, porque a indústria está em dificuldades e já existe o desemprego; — lutar por aumento é falta de patriotismo, os trabalhadores devem lutar em defesa da indústria nacional... Além desses, existem muitos outros «argumentos».

Uma questão importante, que deve ser esclarecida, é a que se refere ao desemprego. Os jornais das últimas semanas têm noticiado, com certo sensacionalismo, a existência de centenas de milhares de desempregados no Estado de São Paulo. As cifras variam de 100 a 400 mil trabalhadores. O deputado federal Emílio Carlos, por exemplo, discursando na Câmara de Deputados, afirmou que 100 mil trabalhadores têxteis paulistas estão desempregados.

No entanto, o Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de São Paulo, fez um levantamento (de novembro de 1956 a maio de 1957) e registrou apenas 4.093 operários desempregados; por sua vez, a Federação têxtil no mesmo período, assinalou em 11 cidades do interior paulista, 3.550 desempregados. Isso é o que revela o dirigente sindical Antônio Chamorro, em artigo publicado em «O trabalhador têxtil», de julho de 1957. Nesse artigo, diz ele que o verdadeiro objetivo dos patrões ao divulgar aquelas cifras elevadas de desempregados, é criar um clima psicológico destinado a provocar o pânico e o desespero no meio dos trabalhadores, aceitando-lhes como perspectiva o desemprego e a miséria em seus lares.

Mas os patrões não se limitam a difundir teses reacionárias. Tomam concretamente inúmeras medidas contra os direitos dos operários. Acenando com a ameaça do desemprego, o patrão paga ao operário somente 30 ou 40% da indenização



a que tem direito; não paga as horas extras; atrasa o pagamento dos salários; paga as férias ou a indenização em várias prestações; demite trabalhadores de maior idade e os substitui por menores, com salário inferior.

Tudo isso visa a desviar os trabalhadores da luta por aumento de salários e por melhores condições de vida.

AVANÇA A UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA

Desde alguns anos, desenvolve-se e se reforça a unidade da classe operária brasileira. Já é rica a experiência de nosso proletariado, que

sindical, numa escala sem precedentes.

Um exemplo que merece ser destacado é o dos trabalhadores têxteis, no Estado de São Paulo. Através de sua Federação, ao contrário do

mento sindical brasileiro e foi a maior consulta democrática já realizada em São Paulo entre os trabalhadores. Cerca de 50 mil questionários foram distribuídos entre os trabalhadores têxteis, de modo que estes já compareceram à Assembleia depois de terem respondido ao questionário. Por outro

Concentração dos sapateiros em greve, vendo-se um dos dirigentes do Sindicato quando discursa.

— contatos com 30 pessoas.

Assim, através de lutas e campanhas, reforça-se a unidade de ação dos trabalhadores brasileiros, dentro do âmbito de todo um Estado e em escala nacional.

VINTE E CINCO MILHÕES REUNEM-SE

Convocada pelo Pacto de Unidade Intersindical, reuniu-se há poucos dias na capital paulista 25 organizações sindicais em luta por aumento de salários — comissões de salários, diretores de sindicatos e delegações operárias. Eram representantes dos vidreiros, gráficos, metalúrgicos, têxteis, jornalistas, químicos, trabalhadores em laticínios, calçados, curtumes, minérios e combustíveis e muitos outros que não se contam.

Vários representantes foram apresentados na ocasião, sendo formada uma Comissão Coordenadora do Aumento de Salários. Essa Comissão atuará com as categorias profissionais a ação simultânea na luta por aumento de salários e a adoção ou não de uma tabela única. É integrada por todos os dirigentes sindicais de 25 entidades.

Entre as propostas aprovadas destacam-se:

- 1) — que o Pacto divulgue o texto da lei de escala móvel dos salários, com os esclarecimentos sobre a mesma;
- 2) — luta de todos os sindicatos incorporados à Assembleia Legislativa para assistir à discussão do projeto Homero Silva

lado, fato significativo foi o comparecimento de representantes e delegações de grande número de cidades do interior paulista — Sorocaba, São Caetano, Santo André, Vale do Paraíba, entre outras. A distância e as despesas elevadas com a viagem impediram muitas cidades do interior se fizessem representar, embora a delegação de uma única cidade Atibaia

A grande arma do trabalhador, para a conquista de suas reivindicações, é a organização. Também na luta por aumento de salários, o fator decisivo da vitória será a organização dessa luta. Reforçar os sindicatos, multiplicar o número de comissões salariais nas empresas e nos locais de trabalho, prestigiar e desenvolver a ação das comissões intersindicais, ampliar os pactos de ação e de unidade — tais devem ser as preocupações dos trabalhadores, no desenvolvimento de suas lutas salariais.

Em Greve os Metalúrgicos e Sapateiros Cariocas

Exigem aumento de salários contendo de milhares de trabalhadores cariocas — Em poucos dias de greve, conseguem os metalúrgicos 30 a 35% de aumento

Na capital da República, empenham-se em luta por aumento de salários, setores fundamentais da classe operária — metalúrgicos, curris urbanos, marítimos, bancários, além de sapateiros, padeiros, comerciantes e muitos outros.

A zero hora do dia 22, entravam em greve cerca de 60 mil metalúrgicos cariocas, depois de longas conversações e paciente espera de uma decisão justa da Justiça do Trabalho. Mais de 90% dos trabalhadores não compareceram ao trabalho, atendendo ao Comando da Greve. Na sede do Sindicato, dirigente da greve, era intensa a movimentação, funcionando ali de maneira organizada as várias comissões eleitas pelos operários.

Desde o momento em que se iniciou o movimento grevista, inúmeras empresas apressaram-se em enviar emissários ao Sindicato, propondo acordo imediato. Em apenas três dias de greve, elevava-se a 47 o número de empresas que haviam capitulado, firmando acordos em separado com o sindicato, concordando em conceder aumento de salários em média de 32%. Vitória expressiva alcançaram os metalúrgicos do Estado do Rio, onde foi firmado acordo que estabelece aumento de 30% até Cr\$ 4.000,00 e 25% de aumento, a partir de Cr\$ 4.001,00, garantido o aumento mínimo de 1.200 cruzeiros.

Importante papel desempenharam durante a greve as comissões de esclarecimento, enviadas para as portas das fábricas. A elas atribuiu o Comando da Greve a vitória alcançada com a paralisação da quase totalidade das empresas.

Não faltou aos metalúrgicos a solidariedade de seus companheiros das demais categorias profissionais. Sucederam-se no Sindicato as comissões que ali foram levar apoio e incentivar os grevistas em sua luta: sapateiros operários municipais, marítimos, marceneiros, têxteis e muitos outros, além de varedeiros.

ENTRAM EM GREVE TAMBÉM OS SAPATEIROS

Um dia após os metalúrgicos, a zero hora de 28 de julho, declararam-se em greve os sapateiros cariocas, paralisando o trabalho cerca de 30 mil operários. Também ali foi quase total a greve: 95% dos trabalhadores em calçados deixaram as fábricas. Isso tornou quase desnecessária a ação dos piquetes.

Depois da grande assembleia, que decretou a greve, dirigiram-se os três mil sapateiros em passeata até à sede do Sindicato. Ali foi instalado o comando geral da greve e mais quatro comissões: de orientação e comando, que vão às portas das fábricas; de finanças; de alimentação; de recepção e propaganda.

No terceiro dia da greve, reuniram-se os sapateiros em grande concentração diante do Sindicato e dali marcharam para o Ministério do Trabalho, em busca de uma solução para a luta salarial, uma vez que os empregadores mantinham-se intransigentes.

Em face do vultoso tomado pelos movimentos reivindicatórios de aumento de salários, o Conselho Regional Consultivo da CNTI resolveu convocar todos os sindicatos cariocas para uma reunião no próximo dia 29, na sede do Sindicato dos Gráficos. Nessa ocasião, deverão ser debatidas as experiências das campanhas e das lutas que agora se travam e um novo impulso será dado à luta comum dos trabalhadores cariocas por melhores condições de vida, contra os efeitos da carestia crescente.

Assim, novas greves poderão surgir — como a da Carris, se não for paga a diferença salarial resultante do aumento de 30% em fevereiro — no grande centro industrial que é o Distrito Federal.



Vemos na foto um concentração de operários da Fábrica de Papel Carioca, em São Paulo, quando de sua recente greve.

Presidência da República sejam cumpridas. A 31 de janeiro, no Rio de Janeiro, era entregue o Decálogo dos Trabalhadores, documento que resume as suas principais reivindicações. Desde então, sucederam-se as lutas: no Rio, em São Paulo, no Rio Grande do Sul, no Amazonas e Pará, por toda parte, enfim, lançaram-se à luta os operários e empregados, por melhores salários e contra a carestia de vida.

Ao mesmo tempo, o proletariado tomava posição de

empresas mistas, em defesa de uma política nacionalista e progressista, das liberdades democráticas e da independência nacional. Em todo o Estado de São Paulo, desenvolve-se hoje uma luta intensa por diversas reivindicações: — aumento de salários; — contra o teto no aumento de salários; — por um mínimo de aumento nos salários; — contra a carestia de vi-



Em Defesa da Unidade do Partido

COMITÊ REGIONAL MARÍTIMO

O CR Marítimo do PCB, reunido em pleno ampliado para discutir as resoluções do pleno de abril do C.C. «Sobre a situação política e nossas tarefas atuais» e «Sobre a unidade do Partido», depois de um sério e aprofundado debate de orientação e das tarefas traçadas pelas resoluções, resolveu por unanimidade apoiar estes importantes documentos do C.C. do P.C.B.

O CR Marítimo resolveu que todos os seus membros devem fazer um grande esforço para que todos os organismos e militantes do Partido que atuam em nossa região, discutam democraticamente as resoluções do C.C. e organizadamente lutem para esclarecer os trabalhadores do mar e anexos, visando a estreitar mais ainda as ligações do Partido com o proletariado da região em que atuamos, a fim de reforçar a sua unidade e mobilizá-los para a luta pela realização e aplicação das tarefas estabelecidas nas resoluções do C.C., tendo como objetivo formar um amplo e poderoso movimento de massas, pela conquista das reivindicações levantadas nas resoluções.

O CR Marítimo resolveu também, por unanimidade, apoiar todas as medidas já tomadas pelo Presidium e pelo C.C. contra Agildo Barata e seu grupo, que estão realizando trabalho antipartidário, condenar todas e quaisquer atividades fracionistas e travar uma luta intransigente pela defesa da unidade do Partido.

O CR Marítimo está empenhado numa entusiástica luta pela democratização da vida interna do Partido e pela liquidação dos velhos e condenados métodos de trabalho rotineiros e sectários de direção. Apesar das divergências existentes quanto ao processo, os meios e os caminhos que devemos seguir para superarmos os nossos erros, entretanto, na questão essencial que é a defesa da unidade do Partido, estamos todos convencidos que só unidos como um só homem em torno do C.C. e do seu Secretário Geral, o camarada Prestes, os comunistas do Brasil poderão avançar com rapidez na luta pela superação dos erros e deformações na vida interna do Partido e à base de um amplo debate e de um profundo estudo da ciência marxista-leninista, encontraremos os caminhos para levar o proletariado e o nosso povo à luta pela conquista de um novo regime de democracia, paz, liberdade e bem estar para todos.

O CR Marítimo propõe ao C.C. a expulsão dos elementos que se afastam do Partido e passam à traição contra os interesses da classe operária e de seu Partido.»

Comitê de Zona de Barretos

O CZ de Barretos, reunido em pleno ampliado no mês de junho, depois de discutir ampla e democraticamente as resoluções do pleno de abril do C.C., resolve aprová-las e conclama a todos os organismos, membros, simpatizantes e amigos do Partido na zona a debaterem e levarem à prática entusiasticamente as mesmas.

Diante do documento do Presidium do C.C. do PCB em face das declarações feitas

por Agildo Barata a um semanário burguês contra o Partido e o movimento operário, resolve hipotecar solidariedade ao C.C. e ao camarada Prestes e convida a todos os membros e organizações do Partido subordinados a este CZ a repudiarem tais calúnias e as atividades antipartidárias desenvolvidas pelo renegado Agildo Barata.

O CZ conclama todos os organismos e militantes do Partido a cerrarem fileiras em torno do CR Norte Paulista, do C.C. do PCB e do seu secretário geral, Luiz Carlos Prestes.»

Resoluções de Comitês do P.C.B.

Condenando as Atividades Fracionistas

Proseguimos na publicação de documentos aprovados por organizações intermediárias do PCB, em apoio às últimas resoluções aprovadas pelo Comitê Central.

Comitê Regional Norte do Paraná

O C.R. Norte do Paraná do PCB reuniu-se em pleno ampliado para discutir os importantes documentos do C.C. Particular importância foi atribuída à Resolução sobre a unidade do Partido, como instrumento de educação ideológica e defesa da unidade do Partido, condição indispensável para a realização com êxito das tarefas impostas pela atual situação política brasileira.

Baseado na mencionada Resolução e na Declaração do Presidium do C.C. do PCB sobre Agildo Barata, pela qual ficou claro, para todo o Partido, o caráter desse renegado, o CR Norte do Paraná reafirmou, por unanimidade, a sua disposição de defender a unidade do Partido, conforme consta da resolução de seu pleno anterior, rea-

lizado em 14 de abril de 1957. O CR conclama todo o Partido, na região, a estudar a «Resolução sobre a unidade do Partido» e a «Declaração do Presidium do C.C. sobre Agildo Barata», tendo como objetivo a elevação do nível ideológico dos militantes, travando uma luta constante contra as ideologias estranhas ao proletariado, para que o Partido na região seja fortalecido na sua ligação com as massas, na luta pela independência nacional, pela paz, pela conquista das reivindicações das massas trabalhadoras das cidades e do campo e por melhores condições de vida e de trabalho para o povo. O CR manifesta sua inteira confiança de que o C.C. saberá tomar, em tempo oportuno, as medidas adequadas aos elementos que desenvolvem atividades antipartidárias e conclama todos os militantes a cerrarem fileiras em torno do C.C., tendo à frente o querido camarada Prestes.»

COMITÊ DISTRITAL DE CAMPOS (E. do Rio)

O CD de Campos, em sua última reunião ampliada, após debater a resolução do C.C. sobre a unidade do Partido e tomando conhecimento da nota do Presidium sobre as atividades fracionistas de Agildo Barata e seu grupo, sentindo sobre seus ombros a responsabilidade e a necessidade de executar uma vigilância revolucionária dentro do Partido, deliberou hipotecar toda solidariedade ao C.C., com Prestes à frente, pela unidade do PCB.

O CD convida todos os militantes, amigos e simpatizantes a cerrarem fileiras em torno do C.C., certo de que somente dentro do Partido, aplicando a crítica e a autocritica poderemos superar erros do passado e conseguir retornar aos métodos leninistas de trabalho e de direção coletiva. Só assim, travando intransigentemente a luta de opinião dentro do Partido, é que conseguiremos a democracia interna. Ao mesmo tempo, comunicamos ao C.C. que este CD deliberou, como resposta aos fracionistas, além de velarmos pela unidade do Partido, cada militante recrutará no mínimo mais um trabalhador para as fileiras do nosso glorioso PCB.»

COMITÊ DE ZONA

São José do Rio Preto (S. Paulo)

O CZ de São José do Rio Preto, reunido em pleno ampliado no mês de junho, depois de discutir as últimas resoluções do C.C., aprovou por unanimidade as seguintes resoluções: 1° — Manifestar publicamente seu inteiro apoio ao C.C. do PCB, que tem à frente o camarada Prestes e ao CR Norte Paulista; 2° — repudiar a atuação fracionista do renegado Agildo Barata, que na qualidade de traidor de duas faces se entrega à luta contra a classe operária e o povo brasileiro, contra o nosso Partido, transformando-se em servil do imperialismo norte-americano; 3° — reafirmar sua posição de apoio ao internacionalismo proletário e à URSS, ao mesmo tempo que condena a atitude desse renegado, que se coloca no campo dos inimigos da paz e contra o movimento democrático e comunista mundial.»

Comitê Distrital

São Bernardo do Campo (S. Paulo)

O CD de São Bernardo do Campo, reunido em pleno ampliado, aprovou por unanimidade hipotecar a sua solidariedade ao CC e ao camarada Prestes, na aplicação dos princípios leninistas na unidade

do Partido e na aplicação dos Estatutos, em relação a todos os elementos que procuram fracionar o Partido com ideologias estranhas ao marxismo-leninismo.»

Comitê Distrital do Brás (S. Paulo)

O CD do Brás do PCB, reunido em pleno ampliado, resolveu por unanimidade de votos hipotecar inteiro apoio ao C.C. do PCB, pela firme posição de combate às ativi-

dades divisionistas nas fileiras do Partido. O CD do Brás estende esse apoio ao Presidium do C.C. e ao camarada Prestes.»

Comitê de Zona de Lages (Sta. Catarina)

O CZ de Lages, reunido em Conferência de Zona, realizada em julho, resolveu por unanimidade:

1° — Aprovar os dois últimos documentos do CC do PCB sobre a «Situação política e as tarefas do Partido» e «Sobre a unidade do Partido»; 2° — Aprovar a resolução do Presidium do CC do PCB sobre as atividades antipartidárias do renegado Agildo Barata; 3° — Condenar a ação fracionista e liquidacionista que realiza Agildo Ba-

rata e seu pequeno grupo; 4° — Solidarizar-se com os membros do Presidium e do CC, tendo à frente o camarada Prestes, na luta contra os fracionistas que tentam minar a unidade do Partido; 5° — Solicitar ao CC que faça cumprir os Estatutos do Partido, expulsando das fileiras do PCB Agildo Barata e seu pequeno grupo de seguidores, de acordo com os artigos 9° e 10°; 6° — Hipotecar irrestrita solidariedade aos membros do CR de Santa Catarina, em seus esforços no sentido de desenvolver o Partido em nosso Estado; 7° — Pedir ao CC para apressar a convocação do V Congresso do Partido.»

equivocaram, mas portadores de uma nova experiência pessoal que os ajudará a contribuir de maneira nova no fortalecimento do Partido e na efetiva correção de nossos erros.

Enfim, tudo indica que a luta que agora travamos contra o grupo divisionista, que tem como figura de proa o sr. Agildo Barata, em vez de enfraquecer o Partido, como desejavam e esperavam os inimigos da classe operária e do nosso povo, consolidará a unidade de nossas fileiras, ajudará a ampliar a luta pela democracia interna, reforçará a disciplina partidária, estimulará a educação política e ideológica dos quadros e militantes do Partido e muito contribuirá para acelerar a luta pela correção dos maus métodos de direção que aplicávamos e pela abolição de sectarismo e do dogmatismo em nossas fileiras. Partindo sempre do desejo de salvaguardar a unidade do Partido, cabe a cada comunista lutar infatigavelmente contra os defeitos na atividade partidária, contra o arbítrio e o mandonismo dos dirigentes, contra qualquer discriminação por motivo de divergências de opinião, exigir o respeito aos Estatutos do Partido, propugnar pelo desenvolvimento da democracia interna e pela prática efetiva da direção coletiva, visando com isto chegar através da crítica a uma nova unidade em nova base. Em nosso Partido não há dirigentes vitalícios e, dentro das regras estatutárias, cabe ao Partido, sempre que julgar necessário, substituir aqueles dirigentes que, pelos erros cometidos ou pela incapacidade de compreenderem as mudanças havidas na situação, não mereçam mais a confiança do Partido. O que não é admissível é, a pretexto de corrigir erros, tentar desacreditar os comunistas e o comunismo, ou precorizar a liquidação do Partido. E tentar contra a unidade do Partido é tentar contra o próprio Partido.

Em apoio desta tese aí está a resolução do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética contra a atividade fracionista de velhos e conhecidos membros do Partido como Molotov, Malenkov e Kaganovitch. Esse exemplo de firmeza dado pelo Partido Comunista da União Soviética, quando se trata da defesa do Partido e de sua unidade, não pode deixar de ser aplaudido pelos comunistas do Brasil. Se na União Soviética é um grupo sectário e dogmático que tenta dividir o Partido, no Brasil o crime contra o Partido não é menor porque os que tentam, contra sua unidade são oportunistas e revisionistas que dizem lutar contra o sectarismo e o dogmatismo! Em nosso Partido foram efetivamente cometidos erros de caráter sectário e dogmático, como já foi reconhecido pelo Comitê Central em documento público, mas a luta contra o dogmatismo nada tem de comum com a tolerância com o revisionismo ou com a aceitação de uma interpretação oportunista das decisões do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética e não pode de forma alguma justificar ataques à unidade do Partido.»

ENTREVISTA DE PRESTES SOBRE A SITUAÇÃO POLÍTICA E A UNIDADE DO PARTIDO COMUNISTA

CONCLUSÃO DA PÁG. 1

Após seis meses de debate público, o sr. Agildo Barata convenceu-se de que não poderia impor suas opiniões ao Partido, viu-se completamente só no Comitê Central e como não queria submeter-se democraticamente à decisão da maioria, por mais que encha a boca com democratização do Partido, preferiu tomar pelo caminho da deserção e emprestar seu nome para servir de bandeira a um grupo divisionista, Renega, assim, seu passado de revolucionário e por mais que se diga nacionalista e disposto a prosseguir na luta pela independência e pelo progresso do Brasil, coloca-se de fato com os seus ataques ao Partido Comunista ao lado dos inimigos de nosso povo. Quem assim procede não pode ter por objetivo a realização da unidade patriótica e democrática do povo, por mais que diga ser este o seu objetivo. Todos os verdadeiros patriotas sabem que na luta contra a dominação imperialista, pela independência econômica do Brasil e pelo bem-estar do povo é indispensável a participação da classe operária e do seu partido político — o Partido Comunista do Brasil — na frente única patriótica e democrática. Não se pode ser por essa frente única quando se procura quebrar a unidade do Partido Comunista, quando se faz uma vergonhosa campanha de insultos e calúnias contra o partido político da classe operária e seu Comitê Central.

Não deixa de ser melancólico ver um homem com o passado revolucionário do sr. Agildo Barata, cego certamente pela vaidade e por um exagerado personalismo, envolver pelo caminho de um Pena Boto qualquer. Chamar-me e a outros dirigentes comunistas de «agentes de Moscou», como faz agora o sr. Barata, não passa de asneira, que não tem mesmo o mérito da originalidade. Isto foi sempre dito por todos os que desertaram da luta revolucionária e é diariamente repetido pela imprensa reacionária. O patriotismo dos comunistas está muito acima de quaisquer calúnias, de todos os insultos policiais, tem sido comprovado diariamente nos 35 anos de vida do Partido, pela dedicação e espírito de sacrifício de seus militantes. Não por acaso, contra o Partido Comunista sempre foi concentrado todo o peso da reação policial de um regime a serviço dos monopólios norte-americanos e seus agentes brasileiros.

Como um dos dirigentes do Partido, reconheço que não fizemos os necessários esforços no sentido de conseguir que o sr. Barata durante os 12 anos em que permaneceu em

nossas fileiras assimilasse a ideologia da classe operária. Mas, de outro lado, os fatos mais recentes mostram que ele nas fileiras do Partido sempre tratou de ocultar hábilmente seus próprios pensamentos. Como confessa agora perante a justiça das classes dominantes, jamais concordou com o Programa do Partido, embora da tribuna do IV Congresso do Partido tivesse declarado, conforme consta em PROBLEMAS n° 64, página 305, o seguinte: «De posse do Programa e dos Estatutos, sob a direção de nosso experimentado C.C., com os olhos fitos nos exemplos gloriosos do valoroso Partido Comunista da União Soviética e sob a direção de nosso querido camarada Prestes, marchemos para a derrubada do governo de latifundiários e grandes capitalistas ligados ao imperialismo norte-americano e para a conquista de um governo democrático de libertação nacional, sob a bandeira de nosso Programa, programa de salvação nacional e da felicidade de nosso povo». Quando terá o sr. Agildo Barata falado a verdade? Em 1954, no Congresso do Partido ou agora perante o juiz que o processa criminalmente? Não há dúvida que qualquer que seja a resposta será ela incompatível com a dignidade de um homem com o passado revolucionário do sr. Barata. Será, na melhor das hipóteses, a resposta de um renegado.

Sobre isto não deixarão certamente de meditar os militantes honestos que foram iludidos e envolvidos pelo sr. Barata e demais participantes do grupo divisionista. Estes violaram deliberadamente e com a intenção de causar dano ao Partido a disciplina partidária, mas diversos militantes foram envolvidos pela atividade fracionista por mera incompreensão a respeito do que seja a disciplina do Partido. É necessário insistir que a disciplina do Partido consiste na submissão do membro do Partido à organização do Partido; em segundo lugar, na submissão da minoria à maioria; em terceiro lugar, na submissão das instâncias inferiores às superiores; e em quarto lugar, na submissão de todo o Partido ao Comitê Central. Evidentemente, a disciplina férrea nas fileiras do Partido pressupõe, além da subordinação consciente e voluntária, a crítica e a livre luta de opiniões dentro do Partido. Estamos certos de que, à medida que isto for sendo melhor compreendido, muitos dos camaradas que se deixaram envolver pelo grupo divisionista avallarão o erro cometido e saberão encontrar o caminho da volta às fileiras partidárias, onde serão recebidos como camaradas que se

Explorados e Perseguidos Duramente os Trabalhadores

A indústria naval brasileira possui uma rica tradição, que deve ser preservada — O regime de falcaturas e perseguições, vigente no Arsenal de Marinha precisa ser abolido — A importância da unidade entre os operários e a oficialidade patriótica, em defesa de nossa Marinha (Reportagem especial do Correspondente)

Acompanhado de Mensagem, o Poder Executivo encaminhou ao Congresso Nacional, há algum tempo, um Projeto de Lei propondo a criação do Fundo de Marinha Mercante. Justificando tal medida, afirma o governo que esse Fundo tem por finalidade permitir a recuperação e a melhoria das empresas oficiais e a implantação efetiva de uma indústria de estaleiros. Quanto à taxa criada, será a mesma entregue ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, que irá, por sua vez, permitir o financiamento às empresas particulares.

Todavia, enquanto caminha o Projeto proposto pelo governo, compromissos vêm sendo assumidos e iniciativas são tomadas, que na prática, consumirão as dotações destinadas ao reaparelhamento das empresas de construção naval pertencentes ao governo. Prova disso é a notícia divulgada recentemente, segundo a qual o Ministro da Viação teria encomendado 10 navios, de longo curso, a estaleiros estrangeiros, à razão de 3,5 milhões de dólares por unidade.

A Indústria Naval Brasileira já é Antiga

Desde o tempo do império que se constroem navios no Brasil. Nos estaleiros da Ponta da Areia, em Niterói, durante a guerra do Paraguai, foram construídos vários, bem como no Arsenal de Marinha, naquela época. Recentemente, foram construídos navios grandes, como o «Parnaíba», «Marcelino Dias», «Cabeleiro» e outros, além de várias embarcações pequenas, que muito têm servido à nossa Marinha de Guerra.

Não obstante essa prova evidente da capacidade de nossos técnicos e operários, a construção parou. Nessa frota está cheia de embarcações velhas e encomendas são feitas ao estrangeiro, o que determina uma contínua evasão de divisas. Compramos há pouco um velho porta-aviões, vieram do Japão 4 navios-transporte e 6 lanchas para transporte de marinheiros foram construídas na Holanda, quando podiam ter sido construídas aqui.

A Exploração dos Operários do Arsenal

Embora não esteja construído obras novas, no Arsenal de Marinha predomina o regime de trabalho ininterrupto, dia e noite.

Para atender ao reparo da esquadra, os operários são obrigados a fazer pernoite — trabalham das 18 às 7 horas do dia seguinte. Assim, embora o operário trabalhe 13 horas, são apontadas somente 7. E além disso, essas sete horas noturnas não são pagas, pois

são consideradas como sendo do dia imediato, que é dado ao operário para descanso não obstante a lei determinar que a hora extraordinária de trabalho noturno será acrescida de 25%. O mesmo ocorre com os domingos, em que os operários são obrigados a trabalhar das 7 e meia às 16 horas, recebendo somente por sete horas de trabalho.

Em flagrante desrespeito aos direitos assegurados por lei, os operários são obrigados a fazer extraordinários acima do que determinam os Estatutos do Funcionário pois quando a isso se recusam são punidos.

Muitas vezes, os operários são impedidos a realizar um esforço sobre-humano. Há pouco, quando da visita do representante do salazarismo — Craveiro Lopes — o cruzador «Barroso», entrou no dique para limpeza. Os operários tiveram o prazo exigido de 20 dias par tirar e recolocar 40 chapas, sem que o número de trabalhadores fosse aumentado.

As obras de Empreitadas São Feitas Pelos Operários

É comum no Arsenal da Marinha que os seus operários realizem os serviços contratados por empreitada por este ou aquele almirante. Este embolsa o dinheiro da empreitada, enquanto os operários, do quadro regular do Arsenal, são pagos pelo Tesouro Nacional. Isso ocorreu, como foi denunciado pela imprensa, no caso dos reparos da porta do dique «Rio de Janeiro».

Nessa ocasião, foi dada a empreitada às Cias. MOTORIP e TECNAL, mas quem realizou a maior parte da obra foram os operários do reparo naval do Arsenal. Aquelas duas companhias foi paga a quantia de 2 milhões de cruzeiros, pagando o Arsenal de Marinha a quantia de 45 mil cruzeiros por cada chapa no lugar.

Além disso, existe uma diferença de salários para os operários do Arsenal e para aqueles que trabalham para os empreiteiros. Enquanto que a média do salário dos operários do Arsenal equivale a seis mil cruzeiros mensais — ou seja, 200 cruzeiros diários — os operários pagos pelos empreiteiros ganham apenas em uma noite 1.200 cruzeiros. É claro que para pagar salários tão elevados, os empreiteiros devem ganhar muito mais.

Obras Dadas Como Prontas Têm Que Ser Reparadas

Enquanto são gastos milhões de cruzeiros para atender falcaturas de administradores desonestos, o governo envia ao Congresso Nacional um projeto de lei em que propõe a classificação dos cargos dos seus servidores. Mas recomenda que não haja aumento de despesas com o pessoal (allegando o déficit nas finanças públicas). Isso quer dizer: Não aumentar os salários já ninguados de seus servidores.

O pior, porém, é que muitas vezes, depois de gastar dois milhões de cruzeiros com uma obra — como o reparo da porta do dique — vai-se ver o trabalho realizado e verifica-se que a porta parecia uma penneira, pois vazava água por todos os rebites.

Nova obra foi então feita, dirigida e executada inteiramente por técnicos e operários do Arsenal. Para reparar a obra realizada pela TECNAL e MOTORIP, foi preciso arrancar 1.700 rebites,

dos dois mil que tinham sido colocados; além disso retocar os outros e o calafeto. Levando em conta que o preço da unidade do rebite colocado era de Cr\$ 28,50, não é difícil concluir como foi elevado o prejuízo, para os cofres públicos.

Regime de Perseguições no Arsenal

Além do regime de falcaturas e de exploração, existe também no Arsenal de Marinha um clima de terrorismo, para impedir que os operários denunciem as irregularidades existentes. Uma camionete, apelidada pelos operários de «carrocinha», percorre toda a ilha, conduzindo policiais e prendendo os operários que transitam sem o medalhão que é exigido. Cada operário recorrente é obrigado a pagar a multa de Cr\$ 150,00, cada vez que é detido.

Esse policiamento é dirigido por um segundo tenente reformado, acusado de participação ativa no levante integralista de 1938, auxiliado por um alcagete, de nome Vitorino e pelo «tira» João Batista Januário — espancador dos operários presos em 1952, quando lutavam por aumento de salários. Esse policial — Januário — está sendo responsabilizado agora como cúmplice do assassinato de Lafaiete Fonseca, mas continua, apesar disso, desenvolvendo suas atividades dentro do Arsenal.

As serem presos pela «carrocinha», os operários são submetidos a rigoroso interrogatório — tempo de serviço, estado civil, salário, nome dos pais, idade etc. — para ser feito o desconto da multa, na folha de pagamento.

Para apresentar serviço, os policiais lançam-se a pegar operários que descansam depois do almoço ou que trabalham a bordo e demandam a embarcação em que estão trabalhando assim que a sirena toca, às treze horas, para recomeçar o trabalho.

A UNIDADE DOS OPERÁRIOS E OFICIAIS PATRIÓTAS

A defesa do principal estaleiro naval da América Latina depende da unidade entre os seus operários e sua oficialidade democrática e nacionalista. Cabe a eles propor ao Ministro da Marinha medidas capazes de coibir as irregularidades ali existentes, a fim de transformar o Arsenal de Marinha num instrumento do desenvolvimento econômico do país, particularmente para o reaparelhamento de nossa frota de Marinha Mercante e da Esquadra. E não, como agora ocorre, para o enriquecimento ilícito de alguns, à custa da miséria e da opressão dos operários e para transações irregulares, que dilapidam o erário público.

Aos operários cabe reforçar sua organização, para pleitear melhores condições de trabalho e respeito ao Estatuto dos Funcionários Cíveis da União, bem como lutar pela Classificação, na qual esteja assegurada uma remuneração compatível com o elevado custo de vida.

Manifesto do Comitê Regional do Rio do P. C. B.

Recebemos, com pedido de publicação, o seguinte documento:

«AOS TRABALHADORES, TRABALHADORAS E AO POVO DO DISTRITO FEDERAL:

Não resistindo mais às dolorosas consequências da política antipopular e antipatriótica, praticada pelos atuais governantes do país, os operários e operárias metalúrgicos e sapateiros, do Distrito Federal, declararam-se em greve, na luta por aumento de seus salários. Com esse gesto, os metalúrgicos e sapateiros indicaram o caminho da luta a seus irmãos operários de outras profissões, que, como eles, não estão dispostos a permitir que sobre si recaiam as consequências da difícil situação econômica e financeira, por que atravessa o país devido à atual política executada pelo Sr. Juscelino Kubitschek e que contraria suas promessas eleitorais e as aspirações e interesses da maioria da nação.

Por ocasião da campanha eleitoral, o candidato Sr. Juscelino prometeu demagogicamente executar um programa patriótico e solucionar alguns dos problemas candentes dos trabalhadores e do povo. Mas o Sr. Juscelino, eleito Presidente da República, vem traído suas promessas. Entregou a Ilha de Fernando de Noronha para que os imperialistas norte-americanos instalem uma base de projéteis teleguiados, expondo o nosso povo aos azares de uma guerra atômica que se prepara em holocausto aos interesses dos monopólios ianques. Não paga aos Institutos de Previdência Social a cota que corresponde ao governo e, ao contrário, retira dessas instituições, sem o consentimento dos trabalhadores, dinheiro para aplicar na construção de Brasília, obra supérflua e desnecessária. Sua democracia prometida transformou-se na intervenção aciata e no fechamento de organizações operárias, populares, culturais, patrióticas etc. como a União dos Servidores do Pórtio, a União dos Trabalhadores Favelados, a Escola do Povo, a Liga de Emancipação Nacional etc. A pretexto da industrialização do país, permite que os monopólios ianques ocupem novas posições econômicas e, não fora a vigilância e a luta dos patriotas e democratas, já teriam entregue também o petróleo à Standard Oil.

O resultado dessa política nefasta já está: agrava-se continuamente a situação do povo e principalmente a da classe operária, a carestia atinge níveis insuportáveis e as massas não vêem perspectivas de melhoramento dessa situação.

Nestas condições, aos operários e ao povo, só resta uma solução: unir-se e lutar enérgica e organizadamente para alcançar a modificação da política interna e externa do atual governo, pelas liberdades democráticas e por aumento de salários.

Os metalúrgicos e sapateiros do Distrito Federal, ao levantar bem alto a bandeira da luta grevista, com o objetivo de conquistar mais um pouco de pão para si e para suas famílias, sabem que não estão sós nessa luta. Com eles marcham todos os operários do Distrito Federal e do país inteiro. Solidários com sua luta estão nossos irmãos trabalhadores de todos os países. Unidos os trabalhadores metalúrgicos e sapateiros reforçam a luta de todos aqueles que, em nossa pátria, defendem as riquezas nacionais, a reforma agrária, pela soberania do país, o desenvolvimento independente da economia nacional e a paz.

Trabalhadores!
Operários e Operárias!
Vossos irmãos, metalúrgicos e sapateiros do Distrito Federal esperam a intensificação da solidariedade de todos. Reforça vossa organização e unidade. Unidos e organizados os trabalhadores são invencíveis.
Companheiros metalúrgicos e sapateiros!
O Comitê Regional do Rio do Partido Comunista do Brasil, em nome dos comunistas que atuam na Capital da República, vos saúda e deseja êxito na luta.
Viva a greve, método provado de luta dos trabalhadores!
Viva a unidade e a organização dos trabalhadores!

Rio, 24 de Julho de 1957.

O COMITÊ REGIONAL DO RIO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL.

EM GREVE OS MINEIROS DO BUTIÁ'

Depois de realizar sucessivas assembléias gerais, na sede de seu Sindicato declararam-se em greve os mineiros das Minas de Butiá, no Rio Grande do Sul. Às seis horas da manhã, do último dia 19, paralisaram o trabalho de extração do carvão cerca de 2.500 mineiros, revoltados contra o CADEM que sistematicamente lhes vem negando o pagamento em dia dos salários, bem como o atendimento de outras reivindicações.

Em 1946, os mineiros de Butiá realizaram uma greve memorável, desfazendo então a lenda, propalada pelos patrões, sobre um pretenso «conformismo» desses trabalhadores. Agora, depois de esperar há mais de um ano pelo cumprimento das promessas do CADEM, que tem recusado todas as tentativas de solução conciliatória propostas pelos mineiros, através de seu Sindicato, a greve tornou-se inevitável.

O Consórcio atrasa os pagamentos normais de salários, não paga a taxa de insalubridade; não pagou os dias em que os mineiros estiveram parados por culpa da firma; utiliza-se de todos os expedientes para enganar e lesar os operários nas horas extras, na produção e na classificação dos mineiros especializados. Nega-se a pagar o reajustamento pleiteados pelos trabalhadores, não respeitando sequer as bases estabelecidas no Plano Nacional de Carvão.

Diante das mentiras e manobras do CADEM, entram em greve 2.500 mineiros do Butiá — Apresentada pelos grevistas, em grande assembléia, a Carta de Reivindicações — «Um dia de salário para os mineiros» — eis a palavra-de-ordem dos ferroviários da Jacuí

PARALISAÇÃO TOTAL NAS MINAS

Apesar da manobra divisionista do CADEM, para impedir a greve, que mandou efetuar o pagamento dos mineiros da Charqueada, dos Ratos e Coréia, tentando assim evitar que os mineiros de Butiá fossem à greve sôzinhos,

estes deram uma impressionante demonstração de unidade. Imediatamente após a deflagração do movimento grevista, foram formados piquetes de vigilância, para cada poço, a fim de garantir a firmeza da greve.

O Comando de Greve só permitiu o trabalho nos serviços de conservação dos po-

ços, para evitar inundações e desabamentos, que viriam prejudicar o trabalho normal, após o movimento. Duas turmas ficaram funcionando, para realizar aquele serviço. Uma comissão foi indicada para fiscalizar os poços e outra para parlamentar com os patrões.

A Comissão Central da Greve ficou, constituída por mais de 100 mineiros, distribuídos por várias subcomissões. O Sindicato dos Trabalhadores Mineiros, em assembléia permanente, reuniu, em sua sede e em frente à mesma, mais de um milhar de grevistas, dominados por enorme entusiasmo.

E respondendo à manobra divisionista do CADEM, desunham-se a aderir à greve também os mineiros da Coréia, Charqueada e Ratos, visitados por piquetes especiais de grevistas do Butiá.

A SOLIDARIEDADE ATIVA DOS MINEIROS EM GREVE

Assim que foi iniciado o movimento grevista, apresen-

taram-se os ferroviários da Jacuí, para demonstrar seu apoio e solidariedade. Uma comissão de dirigentes sindicais dos ferroviários dirigiu-se ao sindicato dos mineiros, onde foi recebida por mais de mil grevistas, sob aplausos prolongados.

«Um dia de salário para os mineiros» — eis a palavra-de-ordem dos ferroviários gaúchos, diante da greve do Butiá. Já em 1946, haviam contribuído por três vezes com um dia de salário, para ajudar os grevistas. Agora, mais uma vez, estão decididos os bravos ferroviários, que acabam de sair de uma greve vitoriosa, a dar a mesma contribuição.

Mas a luta justa dos trabalhadores das Minas do Butiá conta também com a solidariedade ativa da população local e dos arredores, bem como das demais categorias profissionais.

E assim, mantendo sua firmeza e unidade, preparam-se os mineiros gaúchos para conquista de sua Carta de Reivindicações.

Os Posseiros de Pedra Lisa Lutam Pela Terra Que Lhes Pertence

Como agem os grileiros em Nova Iguaçu, contando com a cumplicidade de autoridades — A Associação de Lavradores e Posseiros luta pelos direitos dos camponeses

Pedra Lisa ganhou esse nome em virtude de uma secca amarrada, no topo da qual os camponeses colocaram um cruzeiro de madeira e, em baixo, a sede da sua Associação de Lavradores e Posseiros do 6.º Distrito de Nova Iguaçu (Estado do Rio).

A Associação foi fundada há 10 anos e durante todo esse tempo não tem feito outra coisa senão lutar contra os grileiros que desejam expulsar os lavradores. Há anos atrás, quando a febre dava até nas árvores, quando a malária era a única produção da região, os posseiros ali se instalaram e começaram a sanear a região, levantando suas casas e abrindo suas roças.

PRODUÇÃO — Hoje, Pedra Lisa figura entre as poucas localidades de Nova Iguaçu que ainda possuem apreciável produção agrícola. As 1.500 famílias de trabalhadores de Norte, de Minas, do Espírito Santo e de outras partes do interior fluminense que para ali acorrem diariamente estão produzindo toneladas e toneladas de alpim, inhame, tomates, verduras, laranjas, bananas, mamão e até arroz. Trinta japoneses chegado há alguns anos, com a sua adiantada experiência e técnica agrícola, contribuíram para que os roceiros locais melhorassem seus métodos e diversificassem a sua produção.

Em certos dias da semana, os lavradores de Pedra Lisa saem de suas roças e vão vender seus produtos nas feiras dos lugarejos vizinhos e até em Nilópolis, que é Município ligado a Nova Iguaçu, mas distante desta zona produtora mais de uma hora de trem.

FALTA TRANSPORTE — O péso da produção de Pedra Lisa, no abastecimento dos centros urbanos, inclusive do Distrito Federal, seria maior, se houvesse facilidades de transporte, pelo menos. Basta dizer que a produção de cana, abundante na região, não pode chegar à praça, aos mercados consumidores mais próximos, em virtude da falta de trem de carga, embora a Linha Auxiliar e a Estrada de Ferro Rio D'Ouro atravessem as terras de Pedra Lisa.

Infelizmente, todo esse trabalho dos posseiros é prejudicado e intranquilizado pela ação dos grileiros, de suspeitas companhias loteadoras que se arvoram em proprietários daquelas terras e que usam todos os argumentos, desde a chicana jurídica até o emprego de espangas, para expulsar os valentes lavradores.

O DONO DE PEDRA LISA — Acreditase que Pedra Lisa pertence ao Domínio da União, sendo parte integrante da Fazenda Nacional de Santa Cruz, que é uma imensa área de terras entre Santa Cruz (no Distrito Federal) e Vassouras (no Estado do Rio). A posse do governo federal sobre as terras de Pedra Lisa data de 1877, quando a Corôa Imperial adquiriu a vários fazendeiros, entre os quais o Barão da Limeira, as respectivas fazendas, com o objetivo de proteger as cabeceiras de vários rios e respectivos afluentes, que contribuíam para o abastecimento da antiga Corte (hoje Distrito Federal), tais como o Guandu e o Douro. As escrituras referentes a essas transações só puderam ser descobertas no ano passado, quando o Cartório da 1.ª Circunscrição de Registro de Imóveis de Nova Iguaçu teve o seu



Opereiros de Nilópolis, quando cortava a fita dando início as festividades

Juscelino Kubitschek, com os quais tem laços de parentesco.

DESFLORESTAMENTO — Algumas porções dessas glebas vêm sendo exploradas pelos grileiros, que ali realizam criminosa devastação de matas, fabricando lenha ou simplesmente desmatando árvores seculares, numa faina prejudicial ao regime das águas e com o exclusivo propósito de criar, em plena zona rural, lotes urbanos de 12 X 30. As outras vítimas desses ladrões de terras, aventureiros capitalistas da pior espécie, são os compradores do Distrito Federal, simples operários ou elementos da chamada «classe média», que compram lotes para morar ou para construir casas de campo, sem saber que a propriedade dos terrenos que lhes são vendidos é contestável.

EPISÓDIOS DE NOVELA — É preciso que se diga que os grileiros têm contado, para o êxito de seu avanço ao patrimônio nacional, com o decidido concurso de algumas repartições e de altos funcionários federais. Basta dizer que em 1940 a Comissão Especial de Revisão de Títulos de Terras entregou à «Normandie» mais 6.000 alqueires de terras, desmembrando-as da Fazenda Nacional de Santa Cruz. E se isto não for o suficiente, convém salientar que em Aljezur (lugarejo vizinho de Pedra Lisa e onde também os posseiros lutam contra os grileiros) o sr. Jayme Poggi de Figueiredo possui o loteamento «Santa Amélia». Sabendo-se que um filho deste loteador é membro do Conselho de Terras da União é fácil concluir o resto da história... Apenas para ilustrar lembremos ainda que um dos processos referentes à posse das terras dessa tão falada região fluminense suíu, há anos, no Ministério da Agricultura, nas mãos do dr. Gafrée — que até hoje jura que o devolveu, muito

embora a última carga, na ficha respectiva, aponte o seu nome como destinatário. Como se sabe, os Gafrée foram sócios dos Gumle (donos da Normandie) na Cia. Docas de Santos, sociedade que até hoje permanece no Hospital da rua Mariz e Barros (no Distrito Federal).

SANGUE E TERRA — Pois é contra essa poderosa «mafia» de plutocratas que lutam os posseiros de Pedra Lisa. Para desalojar os posseiros, tudo já foi empregado. O primeiro presidente da Associação, o lavrador José Matias dos Santos, foi assassinado numa covarde tocaia, quando procurava refúgio em casa de parentes, em Nova Aurora, lugarejo bem distante de Pedra Lisa. Depois disso, casebres têm sido incendiados, plantações destruídas, cercas derrubadas. O último despejo (judicial), mas com forte cobertura de trabalhadores policiais, foi realizado no fim do ano passado. As oito famílias expulsas foram levadas à presença de JK, que prometeu desapropriar a região, liquidando a questão definitivamente. Enquanto a desapropriação não vinha, os camponeses e suas famílias foram levados para a Ilha das Flores e, depois, para a Ilha Grande, onde até hoje se encontram, sem que o Presidente da República tenha cumprido a sua promessa.

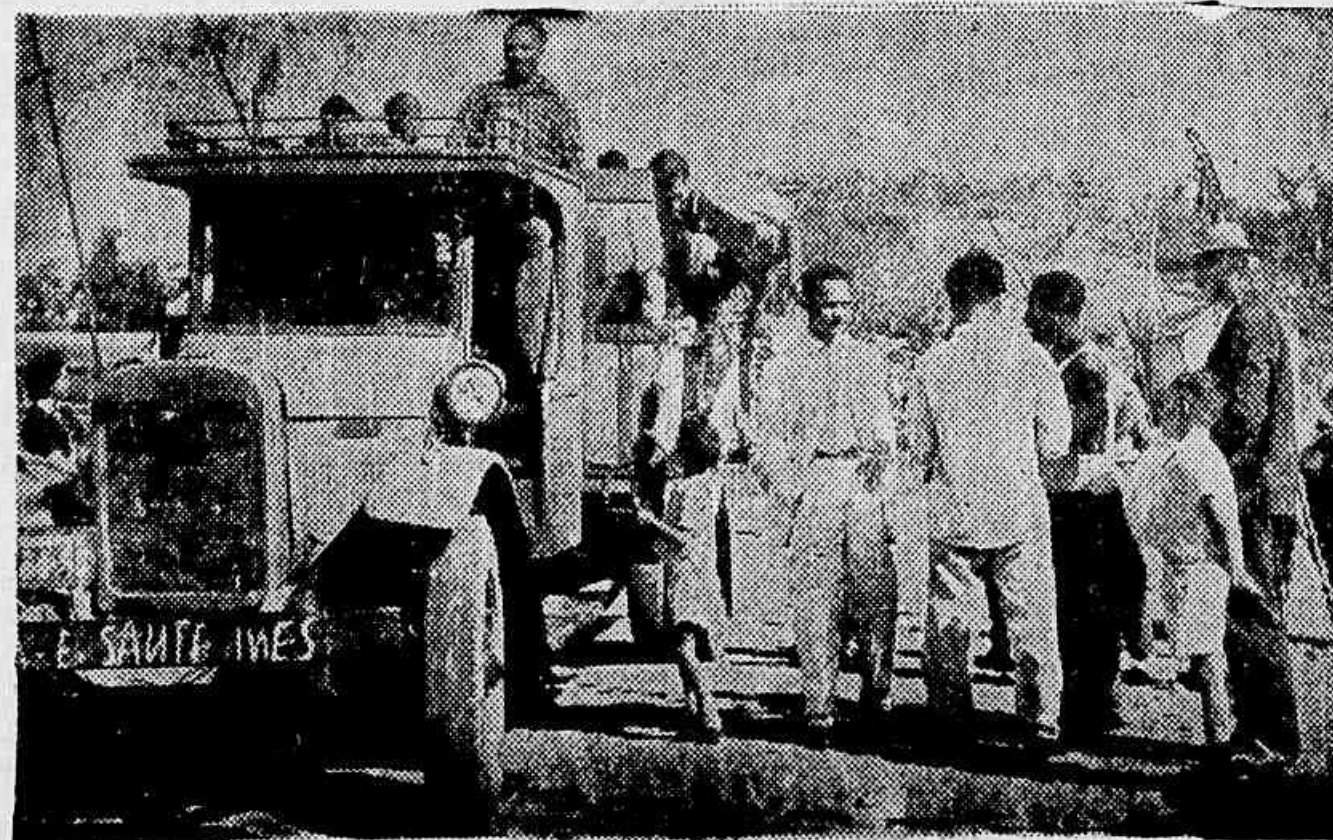
Para legalizar a ocupação das terras pelos posseiros, a Associação vem pleiteando, nos Ministérios, que se reconheça a propriedade federal sobre a região e que se designe uma taxa de ocupação, a ser paga pelos lavradores ou a venda de lotes rurais, como o fazem os Núcleos Coloniais do Instituto Nacional de Colonização e Imigração. Ao mesmo tempo, na justiça, a Associação luta para sustar os despejos requeridos pelos grileiros e para provar a propriedade do Domínio da União sobre Pedra Lisa.



Apolinário Nunes, o mais antigo lavrador de Pedra Lisa

gião. Até hoje, contudo, os grileiros que se intitulam sucessores do «conde» Modesto Leal não conseguiram provar como o falso aristocrata adquirira aquelas terras. Mas o «mistério» ficou definitivamente solucionado quando se descobriram as escrituras referidas no tópico anterior.

Outros grileiros que têm agido na região são a Imobiliária Arpaador, com sede no Rio; a sra. Duchesse Paes Leme; José de Assis Ferreira, vereador udenista em Nova Iguaçu e, mais recentemente, o sr. Fausto Alvim, diretor da Carteira de Crédito Agrícola do Banco da Prefeitura carioca e que é intimamente ligado ao presidente



Um dos caminhões que auxiliam os lavradores à Pedra Lisa

A «Marcha da Produção» dos Fazendeiros e as Reivindicações dos Camponeses

A IMPRENSA desta capital e de São Paulo vem noticiando que dentro de breves dias será realizada a chamada «Marcha da Produção». Tal movimento é um velho plano dos fazendeiros de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Estado do Rio, no sentido de pressionar o governo federal, para abolir o confisco cambial. Esta pressão já levou o governo JK a fazer algumas concessões a uma parte de fazendeiros, concedendo-lhe financiamento e bonificações mais elevadas. Agora voltam novamente à carga para obterem novas concessões.

Em suas manobras, os fazendeiros de café procuram utilizar os colonos, empreiteiros, assalariados e outras categorias de trabalhadores rurais, para dar a impressão que se trata de um movimento das massas camponesas. Fazem ofertas e promessas aos trabalhadores do campo, ofertas e promessas que logo seriam esquecidas, desde que os fazendeiros atingissem os seus objetivos.

Um dos argumentos dos senhores do café, para arrastar os colonos e assalariados ao seu «movimento», é de que se for conquistada a anulação do confisco cambial será possível pagar dez mil cruzeiros pelo trato de mil pés de café. Mas isso não passa de pura manobra. Os colonos não crêem nas palavras dos fazendeiros, sabem por experiência própria que jamais conquistarão uma melhoria de salário, por menor que seja, a não ser como resultado das suas lutas e de sua organização. Se os fazendeiros não lhes pagam hoje um salário de dez mil cruzeiros é porque não querem, pois, mesmo com o confisco cambial, os senhores do café vêm obtendo lucros fabulosos. Diga-se de passagem: esses lucros não são apenas fruto dos bons negócios do café, mas também fruto da brutal e desumana exploração dos colonos e assalariados agrícolas, a quem são negados direitos elementares já conquistados pelos trabalhadores das cidades.

Tudo isso deve servir de advertência aos trabalhadores do campo para se manterem vigilantes e não se deixarem envolver em manobras dos fazendeiros, que só querem que os trabalhadores tirem as castanhas do fogo para eles. Os trabalhadores rurais devem ter sua própria bandeira de lutas, lutando pelo recebimento do salário mínimo, das férias, do repouso semanal remunerado, de indenização no caso de dispensa do trabalho, aviso prévio, acidente do trabalho e outros direitos já consagrados na Legislação Trabalhista. Embora o projeto que determinava extensão da legislação trabalhista ao campo não tenha sido aprovado pela Câmara, os direitos acima citados são já uma conquista dos trabalhadores do campo.

Para os colonos e demais trabalhadores nas fazendas de café nenhuma oportunidade se apresenta melhor para a luta por esses direitos. Esta é a época das colheitas e da assinatura de novos contratos de trabalho. Os trabalhadores podem e devem agora levantar com mais força as suas bandeiras reivindicatórias.

NOVOS POSSEIROS — E lá, em Pedra Lisa, a Associação vai admitindo novos posseiros, indicando-lhes glebas incultas ou abandonadas, pertencentes também à União, onde se devem instalar e começar a produzir, legalizando, com o trabalho, o suor do rosto, a posse das terras que não têm donos particulares e que devem pertencer, legitimamente, àqueles que as cultivam. Com isto, todos os dias cresce a população camponesa de Pedra Lisa.

MUTIRÕES — Apesar dos

sobressaltos, das perseguições e das notícias intranquilizadoras, os posseiros, além de cuidar de suas roças, encontram tempo para construir a sede da Associação e fundar uma Cooperativa de Consumo. Atualmente, estão ampliando a sede, através de mutirões dominicais. É que o número de associados cresce todos os dias. E como a escola pública funciona em suas dependências, é preciso aumentar a capacidade do mesmo prédio.

A DEMOCRACIA NO CAMPO

Para que todos tenham consciência da responsabilidade individual e coletiva pelos destinos da Associação e a salvaguarda dos seus interesses pessoais e gerais, todos os domingos, o presidente Edésio Rocha, da Associação, realiza assembleia, onde vários problemas são discutidos pelos associados e suas famílias. É a democracia funcionando em pleno campo cimentando a união e a organização dos camponeses de Pedra Lisa.

No momento, como medidas que julgam necessárias ao completo afastamento dos grileiros e seus agentes, os posseiros estão empenhando esforços para que seja criada uma Comissão Parlamentar de Inquérito, a fim de investigar a propriedade das terras. Com semelhante providência esperam eles provar que o governo de JK, se não quiser compactuar com os grileiros e antecipando-se à reforma agrária que o país inteiro reclama, pode garantir-lhes o direito à terra mediante a simples expulsão dos aventureiros e especuladores imobiliários que estão roubando o patrimônio da União.

RIO, 27/7/1957

★ Correspondência dos Estados ★

PARAIBA

Luz Para o Bairro do Outizeiro

JOAO PESSOA (Do Correspondente) — A população do bairro do Outizeiro vem se empenhando na conquista de uma série de reivindicações. Através de abaixo-assinados, vem exigindo dos poderes públicos iluminação pública, telefone público, chafarizes, etc. Através dessa iniciativa, já conseguiram a instalação da rede elétrica para a rua Ana Nery e outras e continuam lutando para estendê-la às ruas Malta Pacheco, Plácido de Castro, José Bonifácio e José Novais.

Por ocasião da inauguração da rede elétrica da rua Ana Nery, foi realizado um ato público que contou com a presença do prefeito da capital e outras autoridades municipais.

Com esta conquista, a população passou a confiar mais na força de sua unidade e na possibilidade de através da luta organizada conquistar os melhoramentos de que seu bairro necessita.

MARANHÃO

A População de Rosário Passa Fome.

ROSÁRIO (Do Correspondente) — A população desta cidade vem passando fome. Há mais de 15 dias a população não vê no mercado, carne de gado. Há da parte das autoridades municipais o maior desprezo pela situação do povo, consentindo não só que os criadores não abatem o gado neste município, como também, permitindo que sejam exportados outros produtos que poderiam servir de alimentação à população, como o peixe, o camarão e tantos outros.

Para conseguir um pouco de carne, centenas de pessoas são obrigadas a ir aos domingos até Carema ou Santa Rita, pequenas localidades mas onde ainda é possível se obter um pouco de carne.

Além disso, consideraram suspeito o juiz local, dr. Mariondes de Matos, por ter este impedido qualquer violência contra os lavradores. Estes continuam firmes nas terras, dispostos a lutar mais enérgicas em defesa de um direito que lhes pertence.



PERNAMBUCO

Os Gráficos Lançam Nova Campanha Por Aumento de Salário

RECIFE (Do Correspondente) — Os gráficos desta capital acabam de lançar uma campanha por aumento de salário, em virtude de o aumento conquistado no ano passado, já estar superado pela majoração dos gêneros e utilidades. As bases do aumento de 1956 já não correspondem às necessidades do momento. A frente desse movimento está o sindicato daquela corporação.



Nenhuma Base Estrangeira em Nosso Solo

Resumo do discurso do dr. Nery Machado no comício realizado em Londrina, a 19 de junho último

No dia 19 de junho próximo passado realizou-se, na Praça 1ª de Maio em Londrina, Norte do Paraná, um ato público contra o ajuste que entregou a ilha de Fernando de Noronha para instalação de uma base de foguetes teleguiados do exército norte-americano. O comício foi muito concorrido, a ele acorreram quase um milhão de pessoas que aplaudiram entusiasticamente os oradores.

Uma das personalidades londrinenses a falar naquele ato patriótico foi o Dr. Nery Machado, conceituado médico e conhecido patriota. Em sua oração, o Dr. Nery Machado depois de dar as características geográficas do arquipélago de Fernando Noronha e um rápido quadro da sua evolução histórica a partir da ocupação holandesa, acrescentou:

«O que os tristes desejam, não tenhamos ilusão, é ocupar o arquipélago brasileiro e outras áreas extensas e ricas de nosso país, como já fizeram com ilhas e partes continentais de outras nações, para se livrarem da crise econômica que os empolga nesse momento, com tendência a se agravar cada vez mais; então, para se libertarem, procuram impressionar os ingênuos, fazendo crer na necessidade urgente de preparativos de defesa contra o perigo de uma guerra imaginária só desejada pela ambição dos imperialistas ianques. Enquanto isso, vão fazendo conosco e os países socialistas o chamado comércio triangular, pressionando os nossos maus dirigentes, impedindo-nos de negociar diretamente com todos os países. É fato notório que Cuba vende grandes partidas de açúcar para a URSS. Sabemos, porém que toda a indústria açucareira de Cuba é dominada pelos tristes americanos. Fulgêncio Batista, antipatriota, ignorante e entreguista, é um simples preposto do governo norte-americano, não passa de um capataz a serviço de Wall Street.

«Ao invés de bases agressivas dirigidas contra os países socialistas o que os parlamentares devem defender com entusiasmo é a prática da coexistência pacífica ponto central de onde partem as boas amizades com todos os países.»

O Dr. Nery Machado desmascarou os falsos argumentos dos entreguistas e por-vozes do imperialismo americano, quando mostrou a política ianque aplicada na Guatemala, Cuba, Haiti e outros países centro-americanos, os quais são privados de sua liberdade política e econômica. Os Estados Unidos não são nossos amigos, disse o orador, e acrescentou:

«Depois de Fernando de Noronha outras zonas de nosso território serão exigidas para novas bases. Já estão no plano as ilhas de Rocas e Trindade. A revista «Time», em o número de 31 de dezembro próximo passado, dá como assunto já resolvido que serão construídas em nosso país mais cinco bases. Provavelmente para nossa «defesa» e do hemisfério ocidental.

«Nenhuma base estrangeira em nosso solo!»

para base norte-americana e o mesmo que transferir para os grupos imperialistas de Wall Street o direito soberano de decidir em nosso nome a declaração de guerra contra qualquer país ainda que esse país seja nosso amigo.»

Numa exortação a todos os brasileiros, sob aplausos da multidão, concluiu o dr. Nery Machado:

«Hipotequemos nossa solidariedade aos parlamentares — deputados e senadores — que têm trabalhado contra o estabelecimento de bases guerreiras em nosso território, enviando-lhes listas com assinaturas de parentes e amigos cartas ou telegramas, manifestando nossa repulsa à entrega de Fernando de Noronha. Realizemos conferências e comícios patenteando nossa revolta a tão grande desrepeito à integridade constitucional de nossa Pátria.

Defendamos resolutamente o Brasil desse atentado imperialista, evitando que Fernando de Noronha seja presa e base dos Estados Unidos da América do Norte, certos de que os povos do mundo inteiro não permitirão uma terceira guerra! As forças da paz continuarão lutando em todo o mundo contra todas as manobras e maquinações do imperialismo internacional. Tenhamos sempre em nossa lembrança as palavras que formavam a divisa da bandeira de Tiradentes: Liberdade ainda que tardia.

Nenhum soldado norte-americano em nosso território, nenhuma base estrangeira em nosso solo!»

UNIDOS, OS LAVRADORES DE PIRITUBA DERROTARAM OS GRILEIROS E SEUS CAPANGAS

Derrotados os senhores da Fazenda Revoredo que queriam se apoderar de terras do Estado (Correspondência de Marcílio de Oliveira)

Os lavradores e criadores que ocupam o Campo de Pirituba em Tubarão, Santa Catarina, continuam lutando contra os grileiros da Fazenda Revoredo. Esta luta é antiga. O Campo de Pirituba sempre foi de domínio público, desde o tempo do império. O governo do Estado, em 1919 «cedeu» a melhor área à Fazenda Revoredo. As 1.200 pessoas que ocupam o Campo nunca reconheceram esta propriedade como sendo da Revoredo, que se diz proprietária de 20 milhões dos 500 milhões de metros quadrados que constituem o Campo de Pirituba.

O POVO TOMOU AS TERRAS E OS CAPANGAS CORRERAM

Há alguns anos houve mortes, prisões e espancamentos de colonos pela polícia. O governo do Estado fez um acórdão no qual cedia a Zona do Morro de Areia aos posseiros. Este acórdão foi endossado pe-

los donos da Revoredo, porém ficou apenas no papel e nas palavras.

No mês de junho passado, os donos da Revoredo cercaram com arame farpado e construíram dois barracões no terreno em litígio. O povo, cansado de tanta arbitrariedade, cortou as cercas, destruiu os barracões, ocupou toda a área e pôs para correr os capangas dos grileiros.

Os proprietários Avelino Silvestre e Domicio Freitas, da Fazenda Revoredo, quiseram que a polícia prendesse e espancasse os lavradores. De Florianópolis veio um choque de polícia especial que nada pôde fazer em virtude da unidade dos lavradores e da justiça da sua causa que tinha o apoio de todo o povo, inclusive do juiz local. Este fato irritou os senhores da Revoredo que através da imprensa acusaram a polícia de não garantir «a sua» propriedade.

A BATALHA DA DIFUSÃO

A difusão da VOZ depende das matérias de interesse que publica. Mas essas matérias não são inventadas na redação. Elas são elaboradas na base dos elementos colhidos e fornecidos pelos agentes, correspondentes e Sucursais. É à medida que essas matérias, escritas em linguagem acessível, refletem os interesses das massas nas empresas, nas fazendas, onde quer que VOZ apareça, aí começa a tarefa verdadeira da difusão da VOZ: levar o jornal aos leitores, torná-lo conhecido e esperado em dias certos conquistar a simpatia da massa para o jornal que reflete as aspirações e os anseios de todos os trabalhadores. Este deve ser o trabalho permanente dos agentes e correspondentes de VOZ OPERÁRIA.

Além disso, devem os agentes, ajudar a empresa na verificação do dia da chegada dos jornais, da regularidade da distribuição entre os leitores, do pagamento das cotas, mantendo e estimulando a correspondência entre os leitores e a VOZ.

Estas são, algumas das observações que fazemos aos nossos agentes e correspondentes e aguardamos de sua parte uma mais estreita colaboração entre nós.

PELAS AGÊNCIAS

Foram restabelecidas as nossas agências de Cornélio Procopio (Paraná); e Iacanga (São Paulo). A agência de São José dos Campos (São Paulo) aumentou em 30% a sua quota.

PAGAMENTOS EFETUADOS

Recebemos pagamento das agências de Brígido, São

José de Campos, Apucarana e da Sucursal de Pôrto Alegre.

POSTA RESTANTE

Chegou em nossas mãos correspondência das Sucursais do Recife e Pôrto Alegre; e dos agentes de São José de Campos, Apucarana, Iporã, Campina Grande, Juiz de Fora, São Bernardo, Tietê, Marília e Campo Grande.

Os têxteis de Campos aguardam na próxima edição, reportagem com os dados que nos foram enviados daí.

ALTERAÇÃO NA DIFUSÃO ENTRE OS NÚMEROS 422 E O 423, NO RIO (BALCÃO):

Light, mais 25%
PDF, mais 45%
Aeroviários, mais 10%
BB 3, menos 10%
Sul, menos 2,5%
Centro, menos 15%
Pôrto, menos 10%
Estado do Rio (balcão) mais 5%.

Diversos, menos 12%
Jovens deixaram de apunhar a quota do n° 422.

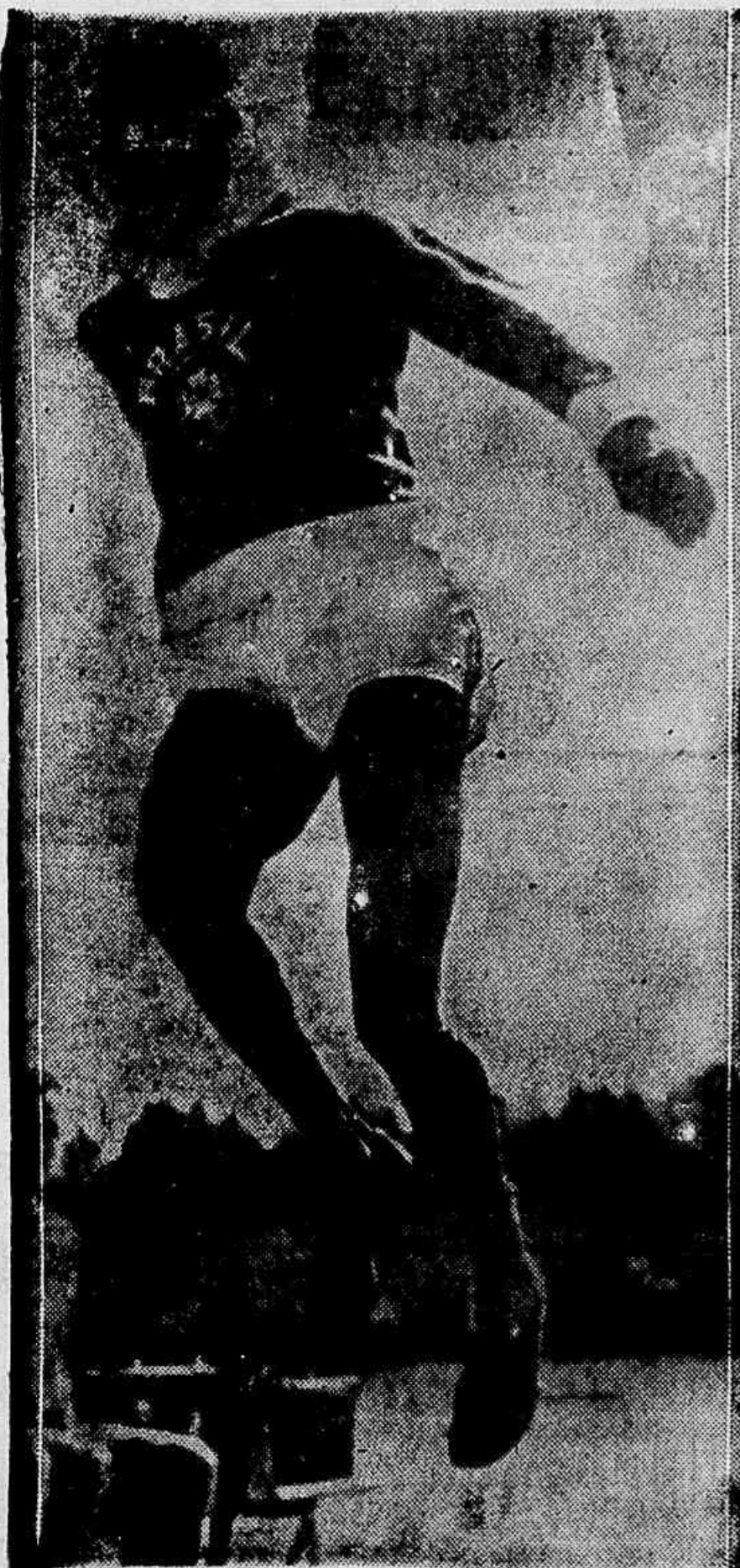
TOTAL: do n° 422 para o n° 423 houve um pequeno aumento no DF e no Estado do Rio, mas tão pequeno que não altera em substância a situação da difusão.

TREZENTOS DELEGADOS BRASILEIROS AO FESTIVAL MUNDIAL DA JUVENTUDE

- ☆ Instala-se amanhã a grande festa
- ☆ Presidente da delegação o deputado Rogê Ferreira
- ☆ O Coral Bach, de Recife, defenderá o prestígio da nossa cultura musical
- ☆ Ademar Ferreira da Silva, o grande campeão mundial, disputará os jogos do Festival
- ☆ Parlamentares brasileiros assistirão ao festival

AMANHÃ, 28 de julho, será dia de festa para a juventude de todos os países: na bela capital soviética terá lugar a abertura do «VI Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes pela Paz e pela Amizade». Dezenas de milhares de representantes da mocidade de todo o mundo serão recebidos pelos jovens e pelo povo da URSS na mais grandiosa, alegre e entusiasmada festa de massas jamais realizada.

De dois em dois anos se reúne o Festival, com crescente brilhantismo e cada vez mais ampla participação de todos os países. Precedido de festivais nacionais e regionais, ou de competições, concursos e torneios em toda a parte do mundo, a grande festa reúne dezenas de milhares de delegados durante quinze dias, em torno dos ideais de paz e de amizade entre os jovens de todo o mundo. Os representantes de cada país apresentam o que de melhor possuem os seus povos na arte, na cultura e no esporte. Ao mesmo tempo trocam experiências, estabelecem laços fraternais, unem enfim as forças da juventude mundial, que quer a paz entre os povos, que deseja ardentemente viver em harmonia e não destruir-se mutuamente.



Ademar Ferreira da Silva, o grande campeão mundial e olímpico, também participou dos jogos internacionais que serão disputados durante o Festival

A PARTICIPAÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA

Apesar das inúmeras dificuldades e obstáculos existentes em nossa Pátria, a mocidade brasileira vem apoiando e participando dos festivais mundiais. No I Festival em Praga, em 1947, foi o Brasil representado por 5 delegados. Ao II Festival, realizado em Budapeste, compareceram 14 representantes brasileiros. No III Festival em Berlim estivemos representados por 102 delegados escolhidos no I Festival da Mocidade Brasileira. Ao IV Festival, em Bucareste, foram enviados cerca de 100 representantes e ao último, que teve lugar em Varsóvia, em 1955, compareceram 110 delegados. Em Moscou estarão presentes cerca de 300 jovens brasileiros, estudantes, operários, camponeses, artistas e esportistas, representantes de todas as profissões e atividades, de todas as opiniões e correntes políticas ou filosóficas.

A delegação brasileira é presidida pelo deputado federal Rogê Ferreira, do Partido Socialista Brasileiro, ex-presidente da União Nacional dos Estudantes (quando se distinguiu como combativo líder universitário) e destacado dirigente esportista no Estado de São Paulo. Representantes e observadores da UNE e das entidades universitárias estaduais fazem parte da delegação, assim como jovens dirigentes e militantes sindicais.

A NOSSA PARTICIPAÇÃO CULTURAL E ARTÍSTICA

Fazem parte da delegação brasileira, como convidados para membros do Júri do Festival, o maestro José Siqueira, regente da Orquestra Sinfônica Brasileira, a soprano Alice Ribeiro e o consagrado violonista Oscar Borgeth.

Pela primeira vez nosso país apresentará um conjunto coral que terá a oportunidade de competir com os mais famosos coros da Europa. Sob a direção do jovem maestro Geraldo Menucci, seguiu o Coral Bach, de Recife, cuja elevada categoria artística foi consagrada em todo o país e recentemente no Rio de Janeiro, São Paulo e Niterói, através de magníficas apresentações na TV, na rádio, na Escola Nacional de Música e no Teatro Municipal de Niterói. Ao lado do repertório clássico, o Coral Bach apresentará no Festival um rico repertório do folclore brasileiro e defenderá com sucesso o prestígio da nossa cultura musical.

Os integrantes do coral são todos jovens, alguns universitários, e muito lucrarão com o intercâmbio que terão a oportunidade de estabelecer



Há vários dias, nas ruas e praças da bela capital Soviética, confraternizam alegres grupos de jovens de todos os países

com os grupos corais de todo o mundo.

ADEMAR FERREIRA DA SILVA PARTICIPARÁ DAS COMPETIÇÕES ESPORTIVAS

Durante os dias do Festival terão lugar em Moscou importantes competições desportivas. A FIBA realizará jogos internacionais de basquete, de que participarão as equipes nacionais da URSS e do Brasil. Realizar-se-ão ainda os III Jogos Desportivos da Juventude e nêles tomarão parte os nossos atletas, dentre os quais se destaca o campeão mundial e olímpico de salto triplice Ademar Ferreira da Silva.

Nos II Jogos Esportivos Internacionais realizados em Varsóvia, por ocasião do último Festival, foram estabelecidos seis novos recordes mundiais, dois novos recordes europeus e sessenta nacionais. Por sua amplitude (quase todos os esportes) e qualidade dos participantes, a competição de Moscou já se prenuncia como o acontecimento esportivo do ano, em que tomarão parte campeões mundiais e olímpicos de inúmeras especialidades.

DELEGAÇÕES DE PARLAMENTARES

Como sempre acontece nos Festivais Mundiais da Juventude, além dos delegados jovens são convidadas personalidades de todos os países para assistir o Festival.

Junto com os jovens representantes brasileiros seguiram as delegações seguintes de deputados estaduais das Assembleias Legislativas dos Estados de São Paulo, Pernambuco e Paraíba, além de um vereador de Recife representando a Câmara Municipal e o prefeito da cidade paulista de Andradina:

Deputados pernambucanos: Clélio Lemos, Presidente da Assembleia Legislativa, Antônio Heráclio, 1º secretário, Padre Luiz Vanderley Siqueira, Tabosa de Almeida, Augusto Novais, José Joaquim da Silva Filho, Inácio de Lemos

Vasconcellos, Francisco Julião, Emídio Cavalcanti, Fábio Correia, Clodomir Moraes, Augusto da Silva Lucena, Ednaldo Souza Alves, João Teobaldo, Suetone Alencar e Paulo Viana de Queiroz.

Deputados paulistas: Luciano Nogueira Filho, Conceição Santamaria, Leôncio Ferraz Junior, Pedro Antônio Fanganillo, Wilson Cury Rahal, Araripe Serpa, Paulo de Castro Viana, Roberto de Abreu Sodré e Leônidas Camarinha.

Deputados paraibanos: Luiz Ignácio Ribeiro Coutinho An-

tônio Nominando Diniz, José Fernando Diniz, José Fernandes de Lima e Francisco de Paula Barreto Sobrinho.

Ao responder o convite, que foi enviado pelo deputado Rogê Ferreira, o Secretário da Assembleia Legislativa de Pernambuco informou que aproveitando o ensejo de assistir o Festival a Assembleia enviaria uma Comissão Oficial Econômico-Parlamentar de incremento das relações comerciais com a Europa e com os países do Leste Europeu.



☆
ROGÊ FERREIRA,
deputado federal, ex-presidente da UNE e destacado dirigente esportista, é o presidente da numerosa e expressiva delegação brasileira ao Festival



Assistirão também ao Festival os senadores brasileiros Domingos Velasco e Costa Paranhos, que se encontram em Moscou vindos de longa excursão através da China Popular.

Este numeroso e expansivo grupo de parlamentares brasileiros, de vários Estados, terá a oportunidade de conviver durante o Festival com personalidades de relevo de todo o mundo, nos mais diversos setores da atividade humana. Sentirão de perto os anseios de paz do povo soviético e a sua luta para preservar da guerra a construção do socialismo a que está entregue. Participarão enfim da confraternização universal da nova geração na grande festa internacional da Paz e da Amizade.

A formação de tão numerosa e expressiva delegação brasileira constitui, sem dúvida, uma vitória de todos os que no Brasil anseiam e lutam pela paz e pelo entendimento entre todos os povos. Nossos delegados sentirão em Moscou, nos dias do Festival, em alegre confraternização com os jovens de todo o mundo, que as forças da paz são muito maiores que as da guerra. Saberão, de volta ao nosso país, transmitir ao povo brasileiro a bela mensagem da nova geração de todo o mundo, que é a mesma que aqui levam expressando os anseios da nossa mocidade: paz e amizade entre todos os povos, vida melhor e mais bela para a juventude do mundo.